



Escritos Euclidianos | vol. 1

José Huguenin | Matheus Arruda (orgs.)

José Huguenin
Matheus Lucas de Arruda Camara
(Organizadores)

Escritos Euclidianos



Vol. 1

1a Edição
Volta Redonda – RJ
AVL
2019

2019© Academia Volta-redondense de Letras

2019 © Vários autores

Foto Euclides da Cunha: Wikimedia Commons

Diagramação e capa: João Paulo Oliveira Huguenin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Letras, Academia Volta-redondense de
Escritos Euclidianos Vol. 1 / Academia
Volta-redondense de Letras / Vários Autores -- 2019.

116p. ; 21 cm

ISBN: 978-85-69545-08-8

1. Coletânea de Prosa 2. Coletânea de Poemas. I. Título.

CDD:808.81

Patrono: Manoel Bandeira

Presidente: Mércia Christani

Vice-presidente: Vicente Melo

Coordenação Editorial: José Huguenin

Sumário

Apresentação	5
Um Mixlit Euclidiano	9
Ensaio	13
Trovas	67
Poemas.....	75
Poemas - Festival de Poesia Falada/ Cantagalalo 2018.....	89
Coletivos Euclidianistas em Cantagalo.....	109

APRESENTAÇÃO

Materializa-se (em virtuais formas) o primeiro volume dos Escritos Euclidianos !

O projeto nasceu de conversas animadas entre cantagalenses-euclidianistas, espalhados globo afora, que entenderam a importância do registro e, principalmente, da produção de textos sobre Euclides da Cunha, o mais ilustre filho de Cantagalo, e o universo de sua obra que inspira e faz refletir. Trata-se de uma coleção livros, a princípio em versões eletrônicas, com este objetivo: registrar e produzir textos sobre Euclides da Cunha e sua obra.

Registrar textos do passado visa resgatar obras de grande relevância que, atualmente, já não podem ser lidas pela nova geração de leitores. Publicar textos hoje inacessíveis também serve para oportunizar releitura e novas discussões.

A publicação de novos textos busca incentivar a produção de uma escrita euclidiana atual, que permite novos olhares, novas perspectivas face ao que academia produziu, face à atemporalidade da obra de Euclides, que toca em temas prementes na sociedade e, não menos importante, face aos sentimentos que o legado euclidiano desperta na produção de nova literatura.

Bem, concordamos com o leitor que pode parecer uma pretenciosa proposta, e talvez seja. Vamos especificar melhor o que entendemos ser estes “textos”. A coleção contará com textos em prosa e verso. Na prosa, teremos tanto textos de não-ficção como ensaios, artigos de opinião, textos acadêmicos ou de divulgação, bem como textos de ficção com contos e crônicas. Os textos em verso trarão poemas e trovas. De comum, todos os gêneros terão Euclides da Cunha e sua obra como centro de discussão/inspira-

ção. Os textos não serão, necessariamente, inéditos uma vez que a missão primeira dos Escritos Euclidianos é fazer o registro e tornar acessíveis esses escritos.

Neste primeiro volume da coleção, como semente, marcando o nascimento deste projeto, publicamos textos de autores cantagalenses, embora, futuramente, o projeto não pretenda restringir a naturalidade dos autores publicados. Nada melhor do que começar com as palavras do próprio Euclides. Para tanto, a professora e escritora Fabiana Correa produziu um MixLit com as cartas de Euclides a várias pessoas e artigos resultando, magicamente, em uma carta atual (e necessária). Também compõe este primeiro volume, uma resumida biografia de Euclides da Cunha (não poderia faltar), organizada por Fernanda Bruni, bióloga e diretoria do Grupo Euclidiano de Atividades Culturais (GEAC).

No que se refere ao resgate de textos históricos, na prosa, temos um trecho do livro do intelectual cantagalense Edmo Rodrigues Lutterbach (1931 - 2011), “A eternidade de Euclides da Cunha (1988)”, importante registro da obra euclidiana. Escolhemos para este primeiro volume trechos que contam sobre o momento em que Euclides escreve “Os sertões” e o sucesso editorial desta obra imortal. Registamos também artigo de Erenita Pietrani, ex-Diretora da Casa de Euclides da Cunha, na publicação de “Despertar”, da Secretaria de Municipal de Educação de Cantagalo, em julho de 1997.

Na seção de textos em verso, temos a honra de trazer trovas da grande escritora Amélia Thomaz, euclidianista cantagalense icônica, que organizava os jogos florais, incentivando a produção de trovas em homenagem a Euclides e a sua obra. Ela organizou também as primeiras semanas euclidianas em Cantagalo. Algumas destas trovas são também publicadas aqui. Agradecemos ao Prof. Gilberto Cunha por estes textos. Apresentamos também algumas trovas das grandes trovadoras Ruth Farah e Henny

Kroph, cujo registro foi possível graças a Profa. Ludmar Longo que as reuniu e nos enviou.

Considerando textos contemporâneos, o vol.1 traz dois ensaios acadêmicos de duas grandes intelectuais da atualidade. A Profa. Dra. Anélia Pietrani (UFRJ), que faz uma análise do papel feminino em “Os Sertões” e a Profa. Dra. Anabelle Loivos Considera (UFRJ) que traz a ideia de paideia euclidiana, diálogo com as margens. Mais atual do que estas discussões não há. Destacamos também ensaios que tratam da expedição Moreira César, do escritor euclidianista Alex Vietas, um dos fundadores e atual presidente do GEAC; da relação entre as repúblicas do tempo de Euclides e atual, do escritor Igor Ferreira dos Santos, do coletivo Juventude Euclidiana;

No que concerne os textos atuais em versos, destacamos o poeta cantagalense Sebastião Geraldo, que escreveu especialmente para este volume o poema “Euclides”. Da professora e poeta Andrea Reis, publicamos o “Cordel euclidiano”, que passa da vida de Euclides à campanha de Canudos em versos afiados. Também publicamos parte do acervo de poemas da Secretaria de Cultura, em especial os poemas enviados para o tradicional Festival de Poesia Falada de Cantagalo de 2018. Esta edição teve uma categoria com o tema “Euclides da Cunha”.

Agradecemos a todos os autores que enviaram seus textos autorizando a divulgação gratuita dos mesmos. Agradecemos às famílias e detentores e direitos autorais pela autorização de publicação dos textos históricos.

A paixão pela obra de Euclides fez nascer em Cantagalo diversos movimentos. Amélia Thomaz realizou várias Semanas Euclidianas. A Casa de Euclides da Cunha é um patrimônio que, neste exato momento, vive a expectativa de reabertura, esperamos, definitiva. Além disso, a vivência de estudantes na Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo, atualmente o maior ciclo de

estudos e discussão sobre Euclides da Cunha e sua obra, forjou o surgimento de coletivos que mantêm a chama do euclidianismo em Cantagalo, a saber o GEAC e a Juventude Euclidiana, que são apresentados na última parte desta obra.

O projeto gráfico do livro foi feito voluntariamente pelo arquiteto João Paulo Oliveira Huguenin, cuja chama euclidianista arde no peito como ex-matatonista da Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo.

Como sabemos, nenhuma iniciativa acontece sem o apoio de instituições que acreditam em tal empreitada. Aqui agradecemos a Academia Volta-redondense de Letras (AVL) e a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Cantagalo. A parceria com a AVL, com apoio da Presidente Mércia Christani, deu à iniciativa o suporte editorial para sua realização, enquanto a parceria com Secretaria de Cultura de Cantagalo, com o apoio do secretário Cleiton Teixeira Rodrigues Filho, permitirá o acesso permanente ao acervo produzido pelo projeto.

Foram efervescentes as conversas via aplicativo de comunicação... podemos chamar de uma poderosa chuva de ideias. O resultado, ficamos felizes em entregar. Esperamos que esta semente faça brotar a curiosidade dos leitores sobre Euclides da Cunha e que frutifique uma produção que possa render as homenagens necessárias à vida e à obra do imortal cantagalense.

Cantagalo, 11 de maio de 2019

José Huguenin

Matheus Lucas Arruda Camara

Organizadores do vol. 1 dos Escritos Euclidianos

UM MIXLIT EUCLIDIANO

Fabiana Corrêa
Bióloga, professora, escritora

Euclides da Cunha trocava correspondências de forma assídua com amigos e familiares. Através delas, além das questões cotidianas, apresentava reflexões políticas, sociais, econômicas e ambientais. Imaginemos que Euclides nos escrevesse, hoje, uma carta atemporal e inquietante, nos colocando alguns de seus questionamentos sobre questões ambientais. Como receberíamos suas palavras? E quais seriam elas?

Seguindo essa trilha de imaginação, inspirei-me no trabalho conhecido como MixLit, onde podemos misturar trechos literários diferentes, do mesmo autor ou não, como os trabalho dos DJ's musicais.

A carta apresentada a seguir, é composta apenas por trechos e palavras escritas por Euclides da Cunha. Não há nenhuma interferência com palavras estranhas ao seu próprio texto. O trabalho que realizei foi apenas recortar trechos oriundos de diferentes artigos ou livros, encadeando-os como uma carta. A voz é integralmente euclidiana. Ao final da carta, sob a forma de notas, a origem de cada trecho é informada.

Meus colegas,

Escrevo-os às presas, desordenadamente...

Guiam-me a pena as impressões fugitivas de uma natureza esplêndida.¹ Tachem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador, mas clamarei sempre e sempre: - o progresso envelhece a natureza. Tudo isto me revolta, me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!² Diante o homem errante, a natureza é estável; e

*aos olhos do homem sedentário, que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase afugentando-o e espavorindo-o.*³

*Temos mudado muito. Partiu-se nos últimos tempos o sequestro secular, que nos tornava apenas espectadores da civilização.*⁴ *Não será dos céus que há de partir o grande “Basta” (botem b grande) que ponha fim a essa comédia lacrimosa a que chamam vida;*⁵ *não finar-se-á o mundo ao rolar da última lágrima e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra.*⁶

*Temos sido um agente etiológico nefasto e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia.*⁷ *É o que observa quem segue, hoje, pelas estradas*⁸ *que progridem arrebatadas por uma lavoura extensiva que se avanteja no interior à custa do esgotamento, da pobreza e da esterilização das terras.*⁹ *Iludimos a crise financeira atacando em cheio a economia da terra, e diluindo cada dia no fumo das caldeiras alguns hectares da nossa flora.*¹⁰ *Tumultuando em colinas desnudas, de flancos enterroados; afundando em pequenos vales sem encantos.*¹¹ *Toda a vegetação estiva, e esgota-se, desfalecida*¹² *exaurida dos sóis*¹³.

*As estradas são ermas. De longe em longe um caminhante. Mas é também um decaído. Não é daqueles caboclos rijos e mateiros, que abriram*¹⁴ *as picadas atrevidas das “bandeiras”. O caipira desfibrado*¹⁵ *saúda-nos com uma humildade revoltante, esboçando o momo de um sorriso deplorável, deixa-nos mais apreensivos, como se vivêssemos uma ruína maior por cima daquela enorme ruinação da terra.*¹⁶

*Penso que seremos em breve uma componente nova, entre as forças cansadas da humanidade*¹⁷, *ou progredimos ou desaparecemos.*¹⁸ *Sigamos – no nosso antigo e esplêndido isolamento – para o futuro.*¹⁹

*Sou obrigado a terminar, sem dizer um décimo do que tinha que contar.*²⁰

*Ponto, e um abraço do velho amigo.*²¹

Euclides da Cunha

Referências aos textos euclidianos:

1. Em Viagem, Jornal O Democrata, 4 de abril de 1884
2. Em Viagem, Jornal O Democrata, 4 de abril de 1884
3. A Margem da História, 1909
4. Castro Alves e seu tempo, Jornal do Comércio, 3 de dezembro de 1907
5. Fazedores de desertos, Contrastes e Confrontos, 1907
6. Em Viagem, jornal O Democrata, 4 de abril de 1884
7. Fazedores de desertos, Contrastes e Confrontos, 1907
8. Fazedores de desertos, Contrastes e Confrontos, 1907
9. Ao longo de uma estrada, O Estado de São Paulo, 18 de janeiro de 1902
10. Fazedores de desertos, Contrastes e Confrontos, 1907
11. Viajando, O Estado de São Paulo, 8 de setembro de 1903
12. Fazedores de desertos, Contrastes e Confrontos, 1907
13. Fazedores de desertos, Contrastes e Confrontos, 1907
14. Viajando, O Estado de São Paulo, 8 de setembro de 1903
15. Viajando, O Estado de São Paulo, 8 de setembro de 1903
16. Viajando, O Estado de São Paulo, 8 de setembro de 1903
17. Castro Alves e seu tempo, Jornal do Comércio, 3 de dezembro de 1907
18. Os Sertões, 1902
19. Solidariedade sul-americana, Contrastes e Confrontos, 1907
20. Carta a Dominicio da Gama, 16 de novembro de 1907
21. Carta a Escobar, 26 de dezembro de 1906

Ensaaios

UMA BREVE BIOGRAFIA DE EUCLIDES DA CUNHA

Fernanda Bruni
Bióloga, Diretora do GEAC – Cantagalo/RJ

Euclides Rodrigues da Cunha nasceu em 20 de Janeiro de 1866 numa fazenda de café em um distrito de Cantagalo chamado Santa Rita do Rio Negro, hoje Euclidelândia em homenagem ao escritor, no interior do estado do Rio de Janeiro. Perdeu a mãe Eudóxia Moreira da Cunha aos três anos de idade e foi lançado num turbilhão de mudanças inesperadas, o menino Euclides teve que ir morar com parentes devido às dificuldades financeiras de seu pai Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, que trabalhava como guarda-livros das fazendas de café. Nesta época o Brasil era governado por D. Pedro II e dominado por grandes proprietários de terras e de escravos. Seria pouco provável a ascensão social e acesso a uma carreira intelectual de um jovem como ele que vivia como agregado na casa de tios e com poucos recursos materiais. Então, Euclides ciente de suas dificuldades financeiras e familiares faz a opção de estudar engenharia na Escola Militar no Rio de Janeiro, onde receberia uma retribuição por seus serviços militares. Em 1880, vigorava na Escola Militar da Praia Vermelha o princípio do mérito e a mentalidade científica, em contraste com a sociedade patriarcal, rural e hierarquizada. Euclides torna-se logo um republicano, cuja causa para ele vinculava-se ao princípio do talento e do mérito, em oposição às regras da sociedade da Corte, onde os privilégios eram assegurados pela proximidade com o imperador.

Em 1888, sob a tutela de Júlio de Mesquita, editor de um jornal que hoje é O Estado de São Paulo, Euclides publica artigos protestando contra o Império de D. Pedro II e aconselhando seus leitores a abraçar essa sua causa revolucionária. Isso lhe permite interagir com intelectuais anticlericais, antiescravagistas e anti-monárquicos. Pouco depois é proclamada a República e Euclides passa a ser reverenciado como o corajoso estudante que ousou enfrentar o poder constituído. Em 10 de setembro de 1890 casa-se com Anna Emília Ribeiro com quem teve três filhos. Em 1897 é enviado pelo jornal O Estado de São Paulo para acompanhar o conflito em Canudos, Euclides consagra-se então como o primeiro correspondente do importante jornal paulista. A descrição da viagem, a etnografia do local e da guerra, seus questionamentos em relação ao envio das tropas serviram de base para o livro que escreveria mais tarde sobre os acontecimentos em Canudos. A formação intelectual de Euclides também foi uma ferramenta para ele descrever a fauna, a flora, a geografia, a geologia e, sobretudo, a população sertaneja. Não é necessário enfatizar os perigos desta viagem, Euclides poderia não ter sobrevivido. Maior que a ousadia de enfrentar a missão foi a decisão de denunciar a falta de aptidão, o fanatismo e a falta de sensibilidade do Exército em Canudos. Passou a atribuir a responsabilidade de um crime nacional aos governantes e a toda a intelectualidade aferrada ao litoral, e totalmente descuidada do interior. Daí o seu grito de protesto e indignação, ao escrever *Os Sertões*, lançado em 1902, fez um sucesso estrondoso, assegurando instantaneamente ao autor lugar na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O livro era, ao mesmo tempo uma crônica sobre a Guerra de Canudos, uma crítica histórica sobre a formação do caráter nacional e uma denúncia sobre o descaso e a violência da elite contra boa parte do povo brasileiro. Euclides propôs uma radiografia do país, revelando as diferentes camadas de uma nação de contrastes. Reunindo vários saberes científicos, histológicos, filosóficos, literários, ele reinterpretou em pouco

tempo fatos históricos e promoveu uma releitura de nossa formação racial, despertando a consciência de um país cego para questões sociais. Além disso, o livro é literatura da melhor qualidade.

De 1896 a 1903, exceto pelos três anos que passou em São José do Rio Pardo supervisionando a reconstrução de uma ponte metálica, Euclides trabalhou duramente como engenheiro para a Superintendência de Obras Públicas de São Paulo. Abominava o posto e ainda viu seu salário ser reduzido devido à crise do café. Ironicamente, ele, que acabava de conquistar a glória e respeito literário, pois havia publicado *Os Sertões* em 1902 cuja fama lhe proporcionou momentos de felicidade nunca antes vividos, chegou a degradante situação de procurar emprego. Em 1904 conseguiu um cargo, mas sua vida matrimonial começava a desabar. No ano seguinte surge na vida do escritor mais uma chance de fugir das dificuldades do lar: a viagem para a Amazônia, como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. Permanece quase um ano na selva, volta para casa debilitado pelos efeitos da malária. Em casa, sua vida familiar já está destruída.

Euclides da Cunha reproduziu em sua vida os princípios que guiavam suas convicções éticas, políticas e profissionais. Sua retidão e sua integridade eram notórias. Para o cientista e literato não havia meios termos e meios tons. Tampouco o jeitinho e a ambivalência. Dotado de um temperamento intempestivo, decidiu agir em defesa de sua honra ao descobrir que sua esposa Anna, o traía com um cadete do Exército, Dilermando de Assis. Euclides morreu aos 43 anos, baleado pelo jovem cadete no dia 15 de agosto de 1909.

A imprensa impulsionada pelo acontecimento, não poupou elogios a Euclides. A natureza trágica do episódio tornou ainda mais espetacular a cobertura jornalística. Euclides da Cunha virou personagem, objeto de culto que perduraria por muitos anos, acrescentando às qualidades do escritor a de mártir nacional.

No dia seguinte ao acontecido, longas romarias se formaram no necrotério e na Academia Brasileira de Letras, onde Euclides foi velado. Diversas instituições puseram em marcha uma série de homenagens. O maranhense Coelho Neto fez um discurso na Câmara apresentando Euclides da Cunha como “um homem do interior”, voltado não somente para o Brasil periférico, mas principalmente para o “Brasil dos sertões”. Coelho Neto fazia referência ao fato de Euclides ter nascido em Cantagalo, interior do estado do Rio, e por isso dotado de sensibilidade para compreender e expressar a vida do “Brasil real”. Idéias como estas permitiram a construção póstuma da memória do escritor nos anos que se seguiam.

Em 1910 nasciam os primeiros “euclidianos” ou “euclidianistas”. No primeiro aniversário de morte do escritor, seus amigos e admiradores iniciaram um movimento por protesto contra a absolvição de Dilermando de Assis. Reunidos em frente ao seu túmulo, no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, fizeram o juramento de levar adiante sua palavra. Em 1912, em São José do Rio Pardo, onde Euclides viveu por três anos e escreveu grande parte de *Os Sertões*, amigos e admiradores fiéis passaram a homenageá-lo nos seus aniversários de morte criando a “Semana Euclidiana”, importante evento dedicado à reflexão sobre a vida e a obra do escritor que passou a se repetir todos os anos, perdurando por um século. A visita ritual à cabana de madeira onde a obra prima foi escrita transformou-se num dos pontos altos da celebração. Em 1938, o casebre foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A casa onde Euclides residiu com a família foi restaurada e confiada ao governo de São Paulo. Em 1919 foi inaugurada a Herma de Euclides da Cunha na Praça João XXIII em Cantagalo, tendo a imagem do busto de Euclides sobre o livro *Os Sertões*. No Centenário de nascimento do escritor, sua cidade natal Cantagalo, inaugurou a Casa de Euclides da Cunha. Em 29 de junho de 1996, foi inaugurado em

Cantagalo o Memorial Euclides da Cunha no local exato em que o escritor nasceu. Em 2009, ano do centenário de sua morte, Cantagalo organizou vários eventos e homenagens: Abertura do Ano Nacional de Euclides, Acendimento da Chama Euclidiana, o Seminário Internacional 100 anos sem Euclides e o Encerramento do Ano Nacional de Euclides.

Os euclidianos elaboraram diversos projetos de difusão do pensamento do escritor, produzindo novas edições de *Os Sertões*, ampliando os estudos e as pesquisas e fazendo contato com editoras estrangeiras para a publicação da obra no exterior. As reedições de *Os Sertões* proliferaram desde a primeira publicação e houve um grande empenho para ter sua leitura obrigatória nas escolas.

Euclides da Cunha morreu jovem, mas já havia saído a terceira edição do livro que o colocou definitivamente entre os maiores autores brasileiros de todos os tempos, jamais havia sido feito no Brasil tamanho esforço para preservar a memória de um escritor. Euclides da Cunha é considerado o porta voz da nacionalidade autêntica, valorizando o Brasil profundo do interior e dos sertões do Norte.

Outras obras de Euclides da Cunha: “Contrastes e Confrontos”, “Peru versus Bolívia”, “À Margem da História”, “Canudos: diário de uma expedição”, “Caderneta de Campo” e “Ondas”.

Fonte: Revista História da Biblioteca Nacional, edição 47 – agosto 2009 – Rio de Janeiro

RECONSTRUÇÃO DE UMA PONTE E CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO *

Edmo Rodrigues Lutterback
(1931- 2011)
Advogado, Acadêmico, Escritor

Em 1899, Euclides, engenheiro da Superintendência de Obras Públicas de São Paulo (nomeado a 13 de julho de 1896, com o ordenado de Rs. 720\$000) é encarregado de reerguer a ponte erigida sobre o Rio Pardo¹, a qual, aberta ao trânsito em 3 de dezembro de 1987, ruíra cinquenta e um dias após.

Anteriormente orçara despesas para o conserto de cutra, no Rio Tietê.

No início de 1897, incumbido de estudar, locar, planejar e orçar uma de madeira, com 273 metros de extensão para a travessia do Rio Grande, próximo a Santa Rita do Paraíso, de examinar, também, os defeitos surgidos noutra, no Rio Paraíba, em Vila da Bocaina; de rever o estudo de mais uma, no Rio Pardo (Estrada Botucatu a Ribeirão Grande); da revisão doutra, no Rio Paraitinga, em São Luiz do Paraitinga.

Aproveitou o filho de Cantagalo a oportunidade (nada favorável), para revisar os artigos escritos durante a pugna tenebrosa em Alagoinhas, Queimadas, Tanquinho, Cansação, Quiriniquá, Monte Santo, Canudos e dar-lhes formas literárias.

Aí, nesse obscuro local que ficou histórico, o “repórter de gênio, só comparável ao Kipling que descreveu as operações militares de Lord Roberts”, reviu a correspondência, redigida

1 Em São José do Rio Pardo - SP, cidade irmã de Cantagalo, onde ocorre a centenária Semana Euclidiana - Nota dos Organizadores.

na barafunda da campanha aos primeiros jactos da emoção tumultuosa, na conceituação de Agripino Grieco, e preparou esse monumento da inteligência nacional, “Os Sertões”.

“Euclides da Cunha, armado de vastos conhecimentos, deixou de lado os modelos, fugiu dos caminhos conhecidos e mergulhou a imaginação criadora nos sertões brasileiros, nos seus solitários, nas suas florestas virgens. Ali (refere-se ao pequeno rancho à margem do Rio Pardo²) forjou seu estilo feito das convulsões da terra, das lutas do homem pequenino contra a natureza poderosa, e das exaltações de um patriotismo devorado pelo enigma dos destinos nacionais.

Seu estilo respira todos os aspectos e toda a vitalidade de nossa natureza. Como certas regiões do Brasil, é seco, agreste e abrasador; como alguns dos nossos grandes rios, é pedregoso, todo em curvas e cortado de cascatas; das curvas surgem admiráveis perspectivas imprevistas e na névoa das cachoeiras se forma por vezes uma sucessão de arco-íris, pelos quais se sobe para os cimos do pensamento. Da floresta brasileira tem a imponência, a pujança, a variedade e até os cipós. Mas também, muitas dessas delicadas árvores de folhas prateadas ou escarlates, cujas copas sobressaem no verde escuro das matas”, discursa três décadas depois do lançamento de “Os Sertões”, Armando Salles Oliveira.

* * *

Organizado o trabalho, se quer encaminhá-lo à publicação, aguarda que o calígrafo José Augusto (sargento da polícia militar) passe a limpo, por ordem de Francisco Escobar, presidente da Câmara Municipal de São José do Rio Pardo.

Imaginei quanta demora! Contém mais de quinhentas e cinquenta páginas...

2 Este rancho, ou cabana, ainda hoje é mantido como Monumento na Cidade de São José do Rio Pardo – Nota dos organizadores..

Ultimada a tarefa, Escobar é o primeiro crítico. Lê o manuscrito e chama a atenção de Euclides para alguns descuidos; o publicista, preocupado, torna a leitura. Apavora-se. “Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página meu olhar fisga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente... um horror!

Julga, por isso, ser o valor do “pobre e estremeado livro” destruído e passível “da férula brutal dos terríveis gramatiqueros que passam por aí os dias a remascar preposições e a disciplinar pronomes.”

Faz Euclides as correções e leva o trabalho a São Paulo para o jornal O Estado publicá-lo em folhetins. Depois de seis meses de espera, lá retorna, encontrando o embrulho empoeirado. Coloca-o debaixo do braço, vem ao Rio de Janeiro e procura as editoras; seus chefes “torcem-lhe o nariz”, expressa-se Viriato Correa. Rejeitam a empreitada.

O Jornal do Commércio recusa-o para o opúsculo.

Massow, da Casa Laemmert, todavia, depois de muito pensar, agarra-se ao manuscrito. Publicará o livro. Foi o bastante para surgirem as preocupações em Euclides. Ia ser lenha para o seu auto de fé, confia a Coelho Neto. “Já começo a sentir o calor das labaredas que se levantarão assopradas pelo Santo Ofício da crítica”.

* * *

Está em Lorena, quando recebe duas cartas do editor; a primeira, arrasadora. Confessa-se o missivista arrependido de haver editado a obra, pois não vendera um só volume e acrescenta que, custando dez mil réis cada, oferecera aos sebos da Rua São José por cinco, não havendo quem o aceitasse.

Na segunda, Massow declare-se assombrado com a venda; em oito dias desaparecera um milheiro. Conta-lhe, inclusive, a

repercussão das críticas pelos jornais. A sorte de Euclides foi ter lido inicialmente a segunda carta, pois se ocorresse o contrário, morreria decepcionado, segreda a Viriato Correa.

Edificou, assim, numa só ocasião, dois monumentos que resistem o desafio dos anos e ás pertinazes censuras: a ponte e o livro. Aquela, a grande reconstrução por ele empreendida, inaugurada a 18 de maio de 1901. Este, o maior livro escrito no hemisfério ocidental, na segura opinião do Professor de Literatura Hispano-Americana e reitor da Universidade de Obregon, J.C. Nelson, lançado em fins de 1902. A revelação nos chega pelo fluminense de Campos, Francisco Venâncio Filho. O livro que voltaria a inteligência brasileira para a compreensão do meio físico, e marcaria um dos eixos permanentes de nossa vida cultural, reaviva Santiado Dantas.

SUCESSO DA OBRA E A VENDA DA EDIÇÃO **

Surgiu, desse modo, o livro, “irmão gêmeo ponte”, na expressão euclidiana. Decorridos alguns meses esgota-se a edição que lhe custara um conto e quinhentos mil réis e da qual recebeu um saldo de Rs. 2\$198:750. A Leammert & C Editores, imediatamente, devido ao sucesso alcançado, propõe-lhe a compra da segunda tiragem por um conto e seiscentos mil réis.

Necessitando da importância para garantir um seguro de vida, Euclides não repulsa a proposta. Nada perde com a venda a aquele preço, escreve ao pai Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, “porque num primeiro livro só se aspira a um lucro de ordem moral e este eu já tive de sobra”.

A 9 de julho de 1903 sai sua edição negociada.

No ano imediato é publicada a terceira, e os direitos autorais vendidos por um conto e oitocentos mil réis.

* retirado do livro “A eternidade de Euclides da Cunha” (1988) de ERL, pags. 28-31

** idem, pags. 31-32

MULHERES NOS QUADROS DE GUERRA DE EUCLIDES DA CUNHA

Anélia Montechiari Pietrani

*Professora Associada de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras
da UFRJ.*

À Marielle Franco

O leitor que percorre as páginas de *Os sertões* em busca das mulheres presentes em Canudos encontrará viragos, bruxas, megeras, feias, desvairadas, imundas, fedidas. Essa caracterização se aproxima de uma visão comum aos retratos de mulher na literatura e na iconografia da segunda metade do século XIX e início do século XX, cuja origem, possivelmente, vem da lodosa grandeza e sublime ignomínia das *Flores do mal* de Charles Baudelaire, de 1857, e adentra a literatura brasileira com a “Abyssus” de Olavo Bilac, que beija e assassina, a Capitu de Machado de Assis com suas madeixas despenteadas e seus oblíquos e dissimulados olhos de ressaca, a carnívora demoníaca “Lésbia” de Cruz e Sousa, a blasfêmia da arte e o assombro fatal da “Pecadora” de Augusto dos Anjos, dentre tantas outras. Estamos falando das horrendas, temidas e fascinantes *femmes fatales*, que têm em Salomé a figura da *femme fatale absolue*: a dançarina luxuriosa, serpente sedutora, mulher dominadora, a imagem que talvez mais tenha sido retratada nas artes do século XIX, que aparece na poesia de Mallarmé, Gautier e Banville, na prosa de Flaubert, na pintura de

Gustave Moreau e Paul Delaroche, no teatro de Oscar Wilde, na ópera de Jules Massenet e Richard Strauss.

Euclides da Cunha também se alinha com essa dicção no tratamento dado à mulher. As mulheres presentes em *Os sertões* integram uma atmosfera pútrida, monstruosa e sombria, mesmo gótica, podemos dizer, ao mesmo tempo em que fazem coexistir, na narrativa euclidiana, um sentimento ambivalente de repulsa e atração. O quadro de horror e fascínio à mulher é pintado, por exemplo, em:

Grenhas maltratadas de crioulas retintas; cabelos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas embaralhavam-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor, o toucado ou a coifa mais pobre. Nos vestuários singelos, de algodão ou de chita, deselegantes e escorridos, não havia lóbrigar-se a garridice menos pretensiosa: um xale de lã, uma mantilha ou um lenço de cor, atenuando a monotonia das vestes encardidas quase reduzidas a saias e camisas estraçoadas, deixando expostos os peitos cobertos de rosários, de verônicas, de cruces, de figas, de amuletos, de dentes de animais, de bentinhos, ou de nômimas encerrando *cartas santas*, únicos atavios que perdoava a ascese exigente do evangelizador. Aqui, ali, extremando-se a relanços naqueles acervos de trapos, um ou outro rosto formosíssimo, em que ressurgiam, suplantando impressionadoramente a miséria e o sombreado das outras faces rebarbativas, as linhas dessa beleza imortal que o tipo judaico conserva imutável através dos tempos. Madonas emparceiradas a fúrias, belos olhos profundos, em cujos negrumes afuzila o desvario místico; fronte adoráveis, mal escampadas sob os cabelos em desalinho, eram profanação cruel afogando-se naquela matulagem repugnante que exsudava do mesmo passo o fartum angulhento das carcaças imundas e o lento salmear dos *benditos* lúgubres como responsórios... (CUNHA, 1995, p. 240, grifos do autor).

No entanto, quando o leitor considera que, finalmente, alcançou o pensamento de Euclides da Cunha sobre a mulher,

afirmando-se na visão do engenheiro, matemático, positivista, determinista do século XIX, eis que o texto dá-lhe um nó e seu estilo gótico envereda por caminhos de braços retorcidos numa tessitura muito pouco fechada em si mesma. A voz que narra sobre as mulheres não restringe, mas se distende numa polifonia sutil e surpreendente, abrindo-se à compreensão do projeto do autor de escrever um livro vingador, em consonância à existência e resistência das mulheres presentes em *Os sertões*.

Para a composição dos quadros de guerra com as mulheres de Canudos, Euclides utilizou 32 vezes a palavra “mulheres”, sete “mulher” e uma “mulherio”. Dessas 40 ocorrências, ele escreveu 19 vezes sobre elas junto a crianças e velhos ou enfermos, sem contar as passagens em que se refere às infelizes e aos infelizes, que poderiam produzir outro cálculo. Dois dos trechos seguem abaixo transcritos:

Notou-se apenas, sem que se explicasse a singularidade, que entre eles não surgia um único homem feito. Os vencidos, varonilmente ladeados de escoltas, eram fráglimos: meia dúzia de mulheres tendo ao colo crianças engelhadas como fetos, seguidas dos filhos maiores, de seis a dez anos. Passaram pelo arraial, entre compactas alas de curiosos em que se apertavam fardas de todas as armas e de todas as patentes. Um espetáculo triste.

As infelizes, em andrajos, camisas entre cujas tiras esfiapadas se repastavam olhares insaciáveis, entraram pelo largo, mal conduzindo pelo braço os filhos pequeninos, arrastados.

Eram como animais raros num divertimento de feira (CUNHA, 1995, p. 454).

Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeador domado: mulheres, sem número de mulheres, velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos

encarapitados às costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos arrastados pelos braços, passando; crianças, sem número de crianças; velhos, sem número de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces túmidas e mortas, de cera, bustos dobrados, andar cambaleante (CUNHA, 1995, p. 510).

Nesses fragmentos, soma-se ao misógino e temeroso narrador euclidiano uma voz de compaixão e solidariedade com os “infelizes” deste mundo – velhos, crianças e mulheres. Estas, inclusive, são observadas pelo narrador em seu terrível destino de sobreviventes da guerra: “As infelizes, em andrajos, camisas entre cujas tiras esfiapadas se *repastavam olhares insaciáveis*” (CUNHA, 1995, p. 454). No fim da guerra, a prostituição se tornou uma realidade para as “jaguncinhas”, termo que a população usava para chamar as meninas sobreviventes, netas e filhas dos “jagunços”. Levadas de Canudos como troféus de guerra pelos militares, muitas delas foram vítimas de estupro e entregues por seus próprios “protetores” em prostíbulos ou casas de famílias para servirem como escravas, conforme atesta Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (1998, p. 325).

“A vida no arraial tornou-se então atroz. Revelaram-na depois a miséria, o abatimento completo e a espantosa magreza de seiscentas prisioneiras” (CUNHA, 1995, p. 474). Com esse registro em seção de título tão sugestivo, “Embaixada ao céu”, Euclides da Cunha assinala seu próprio espanto pela condição e o grande número de prisioneiras, que passam a convocar-lhe o olhar atento. A presença das mulheres de Canudos em Os sertões se tingem, então, de cores fortes. Com elas, é emoldurado mais um “quadro de guerra”, na expressão de Judith Butler (2015). Sua existência na obra passa a ser a imagem de sua própria resistência. Do repúdio e desrespeito com que são enquadradas, a literatura lhes dá voz em seu silêncio e silenciamento, paradoxalmente. De certa forma, Euclides da Cunha “enquadra o enquadramento” das

mulheres de Canudos, como explica Butler em *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*:

Como sabemos, *to be framed* (ser enquadrado) é uma expressão complexa em inglês: um quadro pode ser emoldurado (*framed*), da mesma forma que um criminoso pode ser incriminado pela polícia (*framed*), ou uma pessoa inocente (por alguém corrupto, com frequência a polícia), de modo que cair em uma armadilha ou ser incriminado falsa ou fraudulentamente com base em provas plantadas que, no fim das contas, “provam” a culpa da pessoa pode significar *framed*. Quando um quadro é emoldurado, diversas maneiras de intervir ou ampliar a imagem podem estar em jogo. Mas a moldura tende a funcionar, mesmo de uma forma minimalista, como um embelezamento editorial da imagem, se não como um autocomentário sobre a história da própria moldura. Esse sentido de que a moldura direciona implicitamente a interpretação tem alguma ressonância na ideia de *incriminação/ armação* como uma falsa acusação. Se alguém é incriminado, enquadrado, em torno de sua ação é construído um “enquadramento”, de modo que o seu estatuto de culpado torna-se a conclusão inevitável do espectador. Uma determinada maneira de organizar e apresentar uma ação leva a uma conclusão interpretativa acerca da própria ação. Mas, como sabemos por intermédio de Trinh Minh-ha, é possível “enquadrar o enquadramento” ou, na verdade, o “enquadrador”, o que envolve expor o artifício que produz o efeito da culpa individual (BUTLER, 2015, p. 23, grifos da autora).

Nesse sentido, não parece ser apenas casual que, nas três primeiras edições de *Os sertões* (1902, 1903 e 1905), publicadas quando Euclides ainda estava vivo, ele tenha atribuído o título *As prisioneiras, no feminino*, à antológica foto de Flávio de Barros, intitulada no masculino pelo próprio fotógrafo: *400 jagunços prisioneiros* (Fig. 1). Pintado pela religião e pelo misticismo, pelo determinismo e cientificismo oitocentista, pela literatura e pela

iconografia *fin-de-siècle*, pela medicina e pela imprensa, pelas autoridades governamentais presentes e responsáveis pela guerra de Canudos, o “quadro de guerra” sobre as mulheres encontra no olhar de Euclides já não mais um mero observador, mas um crítico que “enquadra o enquadramento” e o “enquadrador”, como diz Butler, deixando sob suspeita a moldura de uma “conclusão inevitável do espectador”.

Dentre os quadros de guerra enquadrados por Euclides, um chama particularmente a atenção. Convém dedicar a ele algum tempo de reflexão. Trata-se do momento em que enfermos graves



Fig 1. 400 jagunços prisioneiros, Flavio de Barros, 2 de outubro de 1897, Canudos-BA. Acervo Museu da República

chegam carregados ao ajuntamento de prisioneiros, adolescentes franzinos procuram desorientados seus pais, crianças são levadas nas costas dos soldados desastrados. Súbito, o olhar do narrador se dirige a uma imagem e interrompe a narrativa, em close para:

Uma megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra – a velha mais hedionda talvez destes sertões – a única que alevantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como faúlhas, olhares ameaçadores; e nervosa e agitante, ágil apesar da idade, tendo sobre as espáduas de todo despidas, emaranhados, os cabelos brancos e cheios de terra, – rompia, em andar sacudido, pelos grupos miserandos, atraindo a atenção geral. Tinha nos braços finos uma menina, neta, bisneta, tataraneta talvez. E essa criança horrorizava. A sua face esquerda fora arrancada, havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxilares se destacavam alvíssimos, entre os bordos vermelhos da ferida já cicatrizada... A face direita sorria. E era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseando uma face e extinguindo-se repentinamente na outra, no vácuo de um gilvaz.

Aquela velha carregava a criação mais monstruosa da campanha. Lá se foi com seu andar agitante, de atáxica, seguindo a extensa fila de infelizes... (CUNHA, 1995, p. 511)

Acostumado aos períodos longos de Euclides da Cunha, o leitor interrompe a leitura na frase cur-ta, escrita em sintaxe direta, sem metáfora alguma, sem qualquer ironia: “Aquela velha carregava a criação mais monstruosa da campanha”. A figura grotesca da mulher, descrita até então com detalhado realismo, já não é mais caracterizada como um monstro. O monstro agora é a criança. O quadro pintado não é mais apenas de um realismo gótico ou naturalismo zoomórfico. Euclides combina o pano-rama naturalista com um senso além do visível do mundo encenado: criação e destruição se juntam, inevitavelmente. A criação plana, estável, objetiva é destruída. Os oscilantes reflexos da mente do narrador se contrapõem aos espelhos objetivos e polidos da realidade. Atrás da fachada da pretensa objetividade, está o horror

do que pinta a seu leitor, por meio do tratamento expressionista que ele dá à cena realista-naturalista, lembrando em palavras as tintas das cores fortes e os movimentos das ondas distorcidas de *O grito*, do norueguês Edvard Munch, de 1893 (Fig. 2).

Nesse sentido, pode-se dizer que o quadro de Euclides, retratando a menina nos braços da velha, se aproxima da arte expressionista, antes ainda de haver Expressionismo na literatura

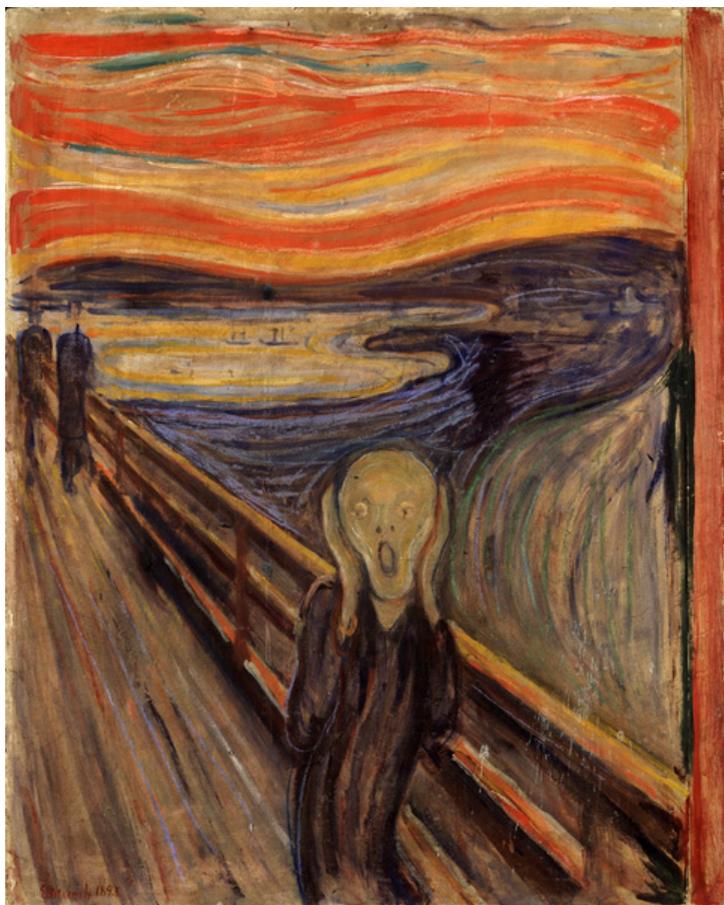


Fig 2. *Skrik*, Edvar Munch, 1893. Nasjonalmuseet, Oslo.

do Brasil. A frase curta de Euclides da Cunha é um tiro transfigurado, que atinge o narrador autorreflexivo e também o leitor. Do mesmo modo, a frase é um grito do narrador, do leitor e também da mulher que, em silêncio, mas com um olhar ameaçador, aparece de súbito e atormenta o narrador já tão atormentado com suas tantas dúvidas. Subitamente ela aparece; subitamente desaparece nas reticências finais do parágrafo, ainda, e sempre, em silêncio. A fila de prisioneiros é movente. A mulher caminha agitante. Os infelizes ondulam-se em sua errância. A procissão não entoia cantos benditos. A mulher não diz nada. A menina não diz nada. Apenas o riso absurdo de dor e o grito de terror não desaparecem de dentro do quadro, nem da visão de quem está fora dele. Entre a ironia do riso e do grito, a imagem euclidiana não podia ser mais macabra.

A menina que a avó (ou bisavó ou tataravó – o narrador nada sabe, nada traz luz a essa tela) carrega no quadro expressionista de Euclides é um monstro que nós mesmos criamos e tememos: “essa criança horrorizava”. O resultado da criação do autor para o leitor e para si mesmo é o horror da guerra. A criança é a cria da monstruosidade que significou a Guerra de Canudos, o monstruoso crime perpetrado pelo Exército brasileiro em terra brasileira contra cidadãos e cidadãs brasileiros, cuja denúncia Euclides apresentou legítima e infernalmente durante o processo de escrita das mais de quinhentas páginas de *Os sertões*:

Aquela campanha lembra um re-fluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo (CUNHA, 1995, p. 100).

O propósito de fazer a denúncia do crime da Guerra de Canudos está na “Nota preliminar”, escrita por Euclides da Cunha em 1901, um ano antes da publicação de *Os sertões*. Foram necessários anos, desde o fim da Guerra de Canudos, em 1897, para que

Euclides chegasse à certeza do crime cometido na Bahia em nome da República, que ele um dia defendeu. Ele tinha convicção de que um livro não se encerra em seu ponto final nem tem o limite de seu tempo. Precisa ser escrito e reescrito, lido e relido, muitas, quantas vezes forem necessárias para que os silenciados assumam uma voz, e o livro alcance sua finalidade de “vingador”. E, no caso de *Os sertões*, a vingança do livro se alia a uma exigência, a mesma exigência que é feita por Judith Butler no livro citado. Euclides exige de seu leitor uma resposta ética ao sofrimento do outro. Exige sua capacidade de reação com espanto, indignação e crítica a enquadramentos estabelecidos, que determinam hipocritamente quem é humano, quem é e não é qualificado para os direitos humanos. Mulheres bizarras, megeras, bruxas, viragos, maltrapilhas, hereges, a-nalfabetas, loucas abraçam seus filhos e carregam em seus braços as crianças chagadas, com as faces rasgadas e os terríveis risos incompletos. São elas e suas crianças passíveis de luto? Pelo que vemos acontecer nas ruas e favelas (nome herdado de Canudos), com as mortes diárias de marielles, a resposta é a mesma mais de cem anos depois: não.

Ao leitor, a imagem que fica desse quadro de guerra de Euclides é a de uma *Pietà* sertaneja, esculpida em esgalhos, limada a bala, tingida em sangue, distorcida com horror (Fig 3). O grotesco é aqui também carregado nos braços do sublime. Essa é a forma que a outra voz euclidiana encontra para enfrentar, por meio da palavra de arte em *Os sertões*, o fatalismo trágico consumado pela guerra e para reconhecer-se em solidariedade aos gritos e às lágrimas das apavorantes mulheres presentes em Canudos. Isso porque o grito de Euclides é um grito que também se expressa em direção a nós, seus leitores, que junto a ele experienciamos, “no alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem. . .” (CUNHA, 1995, p. 513). A vertigem que, ao fim, conduzirá o leitor ao luto por quem viveu em Canudos, por quem sobreviveu de Canudos.

Nas últimas páginas de *Os sertões*, Euclides da Cunha pede a seu leitor que juntos fechem o li-vro. O ato de fechar o livro corresponde ao de abrir os olhos à reflexão em seu quase ponto final. Em meio a tantas perguntas e reticências, Euclides usa esta



Fig 3. *Pietà*, Michelangelo, 1497-1499. Vaticano, Roma.

frase para expressar sua outra certeza, dentre as poucas que tem: “Canudos não se rendeu” (CUNHA, 1995, p. 513). O livro fechado – que não é o fim, mas fluxo da leitura e do pensamento – é o início da autorreflexão: em que lado estávamos e estamos no quadro dessa infeliz que traz nos braços o monstro da guerra e nos encara terrível e vertiginosamente?

A mulher horrenda que carrega a menina mais horrenda ainda não se rendeu. A mulher destemida que abraça seu filho

para arderem juntos na casa que construiu também não se rendeu. A história da mulher presente em Canudos continuará a ser contada, mesmo que desafie “a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos...” (CUNHA, 1995, p. 513). A literatura não se renderá. E isso é fatal.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed.; Museu da República, 1997.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Canudos na perspectiva científica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 159 (398), p. 319-329, jan/mar 1998.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. *Frames of war: when is life grievable?* London; New York: Verso, 2009.

CALAZANS, José. As mulheres de Os sertões. In: _____. *No tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador: Livraria Progresso; Universidade da Bahia, 1959. p. 7-23.

_____. As mulheres de Os sertões. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 189-197.

CUNHA, Euclides da. Os sertões. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 2, p. 97-515.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Presença das mulheres em Canudos. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). *O clarim e a oração: cem anos de Os sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 367-377.

A PAIDEIA EUCLIDIANA: ESBOÇOS PARA O BRASIL DAS MARGENS

Anabelle Loivos Considera
Professora Associada da Faculdade de Educação – UFRJ

“Aquela criança era, certo, um aleijão estupendo. Mas um ensinamento. Repontava, bandido feito, à tona da luta, tendo sobre os ombros pequeninos um legado formidável de erros. Nove anos de vida em que se adensavam três séculos de barbaria” (Cunha, 2009, V. 2, p. 419).

Da alegoria da caverna de Platão – sustentáculo de toda a filosofia ocidental – aos dias atuais, trilhas, caminhos largos e atalhos sinalizaram as linhas nada retas do pensamento filosófico e do conceito de *paideia*. Daí, porque, ainda presentemente, a arte de educar platônica nos afete, sobretudo pelo que ela carrega de dialética. A educação é, sobretudo, troca, partilha, comunicação, diálogo: Sócrates, que ocupa lugar proeminente nos textos dialógicos de Platão, é a personificação do mestre que só é capaz de educar mediante o diálogo. Em tempos de polarização ideológica e de coerção para o aceite quase fatalístico de um caminho único, nada mais necessário do que a aposta na *paideia* das palavras dialogantes.

Ouvir o outro, comparecer ao seu mundo como ser expectante sem se tornar meramente passivo, mas para compreender a sua existência e o lugar de onde esse outro fala – eis o desa-

fio mais candente dessa nova *paideia*. Daí, o porquê de falarmos em uma *paideia* de margem, que se dá no viés das exigências da multifacetada *polis*, participando dos debates da consciência ética que enfeixa os cidadãos num arcabouço coletivo, selando, assim, a narrativa da existência do sujeito e dando-lhe os necessários sentidos.

No sentido platônico, a educação é a arte do desejo do bem, e a realização do bem implica a prática das virtudes. Eis porque tornar o homem pleno em sua humanidade talvez seja o grande desafio da educação, em qualquer tempo. Se o bem não pode ser individualmente alcançado, eis a razão pela qual Platão enfatiza o caráter político e amplamente público da educação. Na República, antecipou a igualdade entre os sexos, dando considerável importância à educação das mulheres, reivindicando reivindicação para elas – antes, restritas somente ao espaço doméstico (*oikos*) – o direito de participação na *polis*. Entende-se, assim, que mulher e homem possuem aptidão natural para guardar a cidade, uma vez que não há, na administração da *polis*, nenhuma ocupação própria da mulher, como mulher, nem do homem, como homem.

A *Paideia* platônica implicaria em formar o homem, tendo em vista o governo da razão sobre as esferas inferiores da alma humana e em pressupor a constituição da cidade justa para a qual os cidadãos deveriam ser formados, conforme a sua própria natureza, e voltada às leis racionais dessa república ideal. Estes seriam os princípios éticos e políticos da pedagogia platônica, visando dirigir as potencialidades racionais com as quais nascem os homens, para efetivamente conformarem-se ao estatuto de uma “cultura superior”, um saber que nasce do embate dialético entre estes mesmos homens e a política, como nos explica Werner Jaeger:

A história da *paideia*, encarada como a morfologia genética das relações entre o homem e a *polis*, é o fundo filosófico indispensável no qual se deve projetar a compreensão da obra platônica.

Para Platão, ao contrário dos grandes filósofos da natureza da época pré-socrática, não é o desejo de resolver o enigma do universo que justifica todos os esforços pelo conhecimento da verdade, mas sim a necessidade do conhecimento para a conservação e estruturação da vida. (Jaeger, 1989, p. 407)

Nasce uma “cultura su-perior” surgindo e se desenvolvendo, como representante de-la, uma profissão especial: a dos sofistas, que se atribuem a missão de “ensinar a virtu-de”. (p. 444)

A alegoria da caverna de Platão (...) apontava à Paideia a sua meta suprema: o conhecimento da ideia do Bem, medida das medidas. (...) Faz-nos viver pelo sentimento a dinâmica deste pathos e põe em relevo, na metamorfose operada na alma, a obra de libertação do conhecimento, que se chama paideia, no mais alto sentido da palavra. (p. 608)

Finalmente, Platão teoriza a verdadeira *paideia* como uma educação integral, que forme o indivíduo em todas as suas potencialidades e capacidades. Entretanto, saliente-se que a *paideia* platônica não separa o indivíduo do seu compromisso com o coletivo: trata-se de educar o homem social e sociável, convidado a promover a justiça, já que, sem justiça, não pode haver felicidade na *polis*. O Estado não é fim em si mesmo, mas, antes, meio de realizar a justiça e a educação, conforme a mesma ansiada justiça, a missão a mais alta dos seus dirigentes.

A paideia euclidiana

A formação, transformação e conformação do conceito de *paideia* flutuaram ao sabor dos rezingues do tempo e seus movimentos: a *paideia* de Platão, quando reinterpretada por seus pós-teros, se conforma com a decadência ou mesmo a desqualificação do projeto anterior de cultura, na substituição de seus fundamentos por outros que melhor condissessem com o seu arcabouço

filosófico. Sai de cena o brio do mito e se passa ao cultivo servil da filosofia – todavia, rebaixada à qualidade de ancila da teologia cristã, que é, agora, a grande mãe de todas as verdades. Processo semelhante se daria na virada do século XVIII, no contexto do iluminismo francês: de uma só vez, se expurgam os gostos pelo clássico e pelo beletrismo, oriundos da então ainda muito presente concepção renascentista de artes e letras, e se entronizam os saberes científicos e racionalistas como os únicos capazes de darem conta de um novo projeto de sociedade e, em última instância, de um projeto de um novo homem para os tempos modernos – cinzelado na revolução das luzes e das máquinas.

Consolidada, na Europa e também no Brasil, um pouco mais tardiamente, mas não sem menor força, a concepção positivista desse iluminismo à francesa fincou pressupostos para lá de discutíveis sobre a própria função da ciência e sua preponderância sobre todos os outros saberes até então vivenciados pela humanidade. Partindo de uma visão a-histórica, exclusivista e mesmo autoritária de experimentação científica, o positivismo que atraiu tão fortemente as cabeças pensantes no Brasil e arregimentou legiões de jovens através de seu projeto político-pedagógico – mormente em escolas públicas laicas e de cunho militar, como veremos a seguir – esteve sempre ligado a uma ideia necessariamente excludente de outros saberes já constituídos, como os da filosofia, da metafísica, da estética, da ética ou mesmo da religião.

Entre o ideal e o possível, entretanto, o positivismo no Brasil não conseguiu desalojar completamente o discurso de certo idealismo ainda vigente à época, que flertava com as ideias neoplatônicas de Schopenhauer. Os embates ideológicos entre positivistas e idealistas se davam na colisão entre a visão austera do positivismo e o empirismo das crenças religiosas, mais especificamente, quando estas eram tomadas como mera superstição. Em suma, o que se deu foi a troca de uma paideia imperfeita, cheia de lapsos e problemas de concepção, mas pluralista, por uma de

tom monocórdio, que invariavelmente, até os dias de hoje, encontra ecos profundos na polarização entre as chamadas “ciências exatas” versus as “ciências humanas”, com o claro desprestígio destas últimas.

Não é difícil situar, então, nesse contexto, o interesse – e o severo incômodo, diga-se de passagem – de intelectuais e literatos do final do século XIX, como o próprio Euclides da Cunha, pela construção discursiva atinente às questões fulcrais de seu tempo, sobre as quais o seu verbo deveria lançar luzes, orientar, analisar, discutir, propor saídas ou pelo menos provocar dúvidas. Seria mesmo possível compreendermos, hoje, tais projetos de leitura de um mundo em transição e de escrita da vida social como embates éticos embrionários de uma possível filosofia da linguagem, *paideia* de margem que ousasse dar substância ao discurso de toda uma geração de homens, ideias e livros.

A intensa atividade literária e jornalística dos intelectuais brasileiros da *Belle Époque*, espalhados pelo Brasil, mas principalmente radicados na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro – grosso modo, centro do melhor e do pior que se pudesse produzir em termos de pensamento e literatura naquele momento especial das efabulações primeiro-republicanas –, provocou uma intervenção vigorosa no *modus vi-vendi* burguês em processo de formação. Quer como críticos desabridos da situação político-social brasileira, quer aderindo às veleidades dos mandos e desmandos da elite que chegava ao poder, esses homens de letras puderam experimentar a práxis discursiva de inventar um país e, até mesmo, de explicitar o projeto político-pedagógico pelo qual a nova nação deveria se pautar, em tempos inéditos de ordem, amor e progresso. Explica-nos Nico-lau Sevckenko que

Os tópicos que esses intelectuais enfatizavam como as principais exigências da realidade brasileira eram: a atualização da sociedade como o modo de vida promanado da Europa; a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na

grande unidade internacional. E a elevação do nível cultural e material da população. (SEVCENKO, 2003, p. 97.)

Assim é que intelectuais orgânicos tão díspares quanto Rui Barbosa, Lima Barreto e Euclides da Cunha, apesar de olharem de e para lugares diferentes (o exterior civilizado, no caso de Rui; a periferia carioca, no caso de Lima; e o interior ignoto, no caso de Euclides), coadunam-se como leitores e formadores de opinião: são os “cerebrais” que antecipam e destrincham as tendências para a mudança social e a nova conformação da nacionalidade. Não é à toa, aliás, que em várias passagens das obras desses três geniais escritores, de múltiplas formas, está evocada a figura que representa a *paideia* daqueles tempos: a escola.

Dos célebres discursos de Rui Barbosa sobre a Instrução Pública no Senado Federal, passando pelas crônicas memorialísticas de Lima Barreto sobre os molecotes que fugiam às palmatoadas dos mestres de carranca para a liberdade do passeio público, até nos encontrarmos com a *paideia* de margem euclidiana sobre a ausência dos mestres-escola nos sertões incivilizados, defrontamo-nos com a construção de um projeto republicano de educação, diferenciando a pedagogia para as massas da pedagogia para as elites, por certo, mas ressaltado a instrução (principalmente a pública) como índice de permanência e ingerência do Estado sobre a formação dos cidadãos e sua inserção social.

Na história pessoal do desenvolvimento da sua *paideia* de margem, como é sabido, Euclides da Cunha passa de entusiasta a grande desiludido com os rumos do regime republicano. Ainda como estudante da Escola Militar da Praia Vermelha, Euclides se empenhara pessoalmente pela implantação da República, tecendo loas em formas de versos clássicos ou sonetos italianos à musa pueril das castas positivistas; mas, pouco depois, já se mostrava desencantado com a república paralela dos conselheiros, traduzida no poder econômico brutal dos barões do café que ainda bancavam as peripécias políticas da velha província. Mesmo crendo,

como muitos de sua geração, na modernidade da indústria e no brilho férreo das locomotivas que passariam a enveredar pelos sertões e matas do Brasil inóspito, Euclides se confrontava com a falta de competência ou mesmo de vontade política do poder instituído para levar a cabo as promessas do programa de desenvolvimento nacional.

Fica patente, em seus escritos pré-*Os sertões*, que Euclides acreditava com fervor na força da iniciativa privada como capaz de impulsionar o desenvolvimento do país. Um fato pitoresco acontecido com o escritor pode ajudar a iluminar essa tendência desenvolvimentista de seu pensamento sociológico. No dia 15 de agosto de 1897 – em que pese a coincidência da data que marcaria, anos mais tarde, o desfecho funesto de uma vida dedicada à promoção de outras vidas humanas –, Euclides estava em Salvador, aguardando o momento de seguir para o centro da batalha entre o exército e os pobres jagunços do sertão em Canudos. Vinha como repórter especial do jornal *O Estado de São Paulo*; vinha, ademais, como leitor de um mundo incompreensível para as elites burguesas da Rua do Ouvidor. No telegrama que envia ao jornal, naquela data, o escritor embrionário e repórter diletante tem uma visão ainda incipiente, embora indignada e esperançosa, da complexidade do problema social, educacional e político com que se depara:

o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: – é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita de pátria, (...) são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos jagunços... (...) Que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será, no caso vertente, o verdadeiro vencedor:

O mestre-escola (CUNHA, 2009, V. 2, pp. 517-8).¹

O que lemos, aqui, como a *paideia* de margem de Euclides da Cunha assenta em dois pilares de compreensão da sua escrita e da sua inscrição na história da literatura nacional. Num primeiro movimento, intuímos o texto euclidiano como uma escrita à margem da própria constituição de um cânone literário em finais dos oitocentos no Brasil, uma vez que tampouco a forma narrativa muito menos a expressão dos temas abordados se perfila com as tendências então em voga, em muito ainda influenciadas pelo beletismo, embora já descortinando vozes dissonantes ao *establishment* acadêmico.

Em um dos capítulos mais pungentes da obra que notabilizou Euclides e acabou por dar uma forma híbrida, entre ciência e arte, aos desígnios de sua *paideia*, o escritor descreve “Outra Criança” canudense, assombrado com aquele articuladíssimo butim de guerra, dando-lhe pedagogicamente o direito da fala, a fim de rasurar para sempre a História dos pretensos vencedores com a Memória viva dos vencidos:

Uma delas, porém, menor de nove anos, figurinha entroncada de atleta em embrião, face acobreada e olhos escuríssimos e vivos, surpreendeu-os pelo desgarre e ardileza precoce. Respondia entre baforadas fartas de fumo de um cigarro, que sugava com a bonomia satisfeita de velho viciado. E as informações caíam, a fio, quase todas falsas, denunciando astúcias de tratante consumado. Os inquiridores registravam-nas religiosamente. Falava uma criança. Num dado momento, porém, ao entrar um soldado sobraçando a Comblain, a criança interrompeu a algaravia. Observou, convicto, entre o espanto geral, que a comblé não prestava. Era uma arma à toa, xixilada: fazia um zoadão danado, mas não tinha força. Tomou-a: manejou-a com perícia de soldado pronto; e confessou, ao cabo, que preferia a manulixe, um clavinote de

¹ Artigo de Euclides da Cunha de 15 de agosto de 1897. Publicado em O Estado de São Paulo, em 22 de agosto de 1897, e agrupado posteriormente no livro Diário de uma expedição.

talento. Deram-lhe, então, u-ma mannlicher. Desarticulou-lhe agilmente os fechos, como se fosse aquilo um brinco infantil predileto.

Perguntaram-lhe se ha-via atirado com ela, em Canudos.

Teve um sorriso de superioridade adorável:

– E por que não! Pois se havia tribuzana velha!... Haverá de levar pancada, como boi acuado, e ficar quarando à toa, quando a cabrada fechava o samba desautorizando as praças?!

Aquela criança era, certo, um aleijão estupendo. Mas um ensinamento. Repontava, bandido feito, à tona da luta, tendo sobre os ombros pequeninos um legado formidável de erros. Nove anos de vida em que se adensavam três séculos de barba[á]ria.

Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitasse os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários. (Cunha, 2009, V. 2, pp. 419-20)

Creemos que a *paideia* euclidiana é, sim, um enfileirar de projetos civilizatórios, desbravando sertões e consciências, para manter a opção pela pátria – imaginada, narrada, fabulada –, num arroubo mais romântico-nacionalista do que republicano, propriamente. E é uma *paideia* de margem, porque serpenteia o utópico, à medida em que se ocupa de ensinagens abertas e dialéticas; e, sendo de margem, é também uma *paideia* poética, que calibra no acontecer e no agir o próprio sentido do ser, na busca cotidiana pelo engajamento a um sistema de valores que promova, acima de qualquer coisa, o humano.

Nada mais apropriado encerrar lembrando o discurso de posse de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, em 1907, quando, ao perfazer a trajetória literária de Valentim Magalhães, ressalta sua morte depois dos trinta anos, localizando-o (e também a si...) como alguém que “... neste país quem quer que se notabilize e ultrapasse aquele marco, fora dos tablados da política, predestina-se ao suplício lento e indefinível de acompanhar em vida ao enterro de sua própria imortalidade” (ABL, 2005, p. 267). Mas não deixando de inscrever na história, como epitáfio de sua geração e crença perene na *paideia* de margem que sonhou, que justamente o maior defeito dos homens que “... se entregam de corpo e alma ao turbilhão sonoro e fulgurante da existência” era o de persistirem, em nome de suas causas, na “... mais bela imperfeição da nossa vida: o defeito de viver demais” (ABL, 2005, p. 268).

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Discursos Acadêmicos. Tomo I / Volumes I, II, III e IV (1897-1919). ABL: Rio de Janeiro, 2005.

BRAGA, Marco. A Nova Paidéia: Ciência e Educação na Construção da Modernidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2000.

CONSIDERA, Anabelle Loivos & SANGENIS, Luiz Fernando Conde. Euclides da Cunha: da face de um tapuia. Niterói: Nitpress, 2013.

_____; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (Orgs.). Euclides da Cunha, Mestre-Escola. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015.

CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Volumes 1 e 2. Org. Paulo Roberto Pereira. 2.a ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. (Trad. Arthur M. Parreira. Adaptação do texto para edição brasileira de Mônica Stahel M. da Silva. Revisão de texto grego de Gilson César Cardoso de Souza.) 2.a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra: fronteiras da história*. Brasília: Ed. Da UNB, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STÖRIG, Hans Joachim. *História Geral da Filosofia*. 2.a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CAVAÇÃO

Igor Ferreira dos Santos
Membro do coletivo Juventude Euclidiana
Cantagalo-RJ

A República, no tempo de sua proclamação, possuía amplo potencial para instituir uma regeneração da velha sociedade contaminada pelos sintomas de uma politicagem generalizada e que, de tão enraizada que estava na práxis política e social do país, subverteu a chance de uma revolução em mais do mesmo.

O que acontecia com as cabeças que pensavam, indagava Augusto dos Anjos, em voz de incredulidade que também povoa o pensamento euclidiano e conduziu o fluminense à conclusão modesta e certa de que no país não se lia, não se escrevia e não se pensava.

Aquela República do final do século XIX e início do século XX, porém, não deve ser dada como encerrada: ela se repete.

As elites intelectuais regionais que impediram, na altura do primeiro ciclo republicano, a composição de um projeto nacional englobante e integrativo para o país – como também se deu nos conflitos argentinos denunciados no Facundo -, reproduziram com eloquência a mesma estrutura privatista de poder na qual havia apoiado o regime monárquico, então derrotado, ocasionando a postergação (até hoje) da efetivação dos ideais republicanos euclidianos, que vislumbravam, por meio da nova ordem, o estabelecimento de uma sociedade mais justa e igualitária, pautada no bem comum.

A situação interna do país era (e permanece) instável, como escreveu Euclides da Cunha a Oliveira Lima em 1909. A proposta de nação fracionada e iminentemente inclusiva maximizava, então, o antagonismo e a marginalização do Brasil sertanejo frente ao litoral (dito) pensante. A República, erguida com bases na força, levantava-se como uma barricada à integração nacional e à implementação de políticas que promovessem o caráter de unidade até então não encontrado.

Em verdade, importava em um claro descumprimento de seu próprio propósito.

Nesta posição política é que Euclides, intelectual orgânico que era, e tendo sua biografia intimamente interligada com o processo de formação sociopolítica de sua época, empenha sua crítica à estrutura desfigurada em que se encerrava o verdadeiro ideário republicano. Tece, assim, em posição coerente e honesta, severa objeção àqueles que viriam a denominar como “os césaes cruéis” da nação e suas barbaridades.

Em tempos em que expressiva parcela da intelectualidade sonhava, segundo José Murilo de Carvalho, em viver e morrer em Paris, Euclides da Cunha volta os olhos à noção de brasilidade e propõe, como forma máxima de se remediar a corrupção, o sistema de favorecimentos e a podridão da República, a instituição de mecanismos garantidores da plena civilização, sobremaneira, através da educação. Passagem notável de “Os Sertões” refere-se, nesta linha, a afirmação incisiva de Euclides a respeito da possibilidade de mudança dos rumos da “Guerra do Fim do Mundo” caso para aquela região tivesse sido enviado, em lugar dos manlicheiros, o mestre escola.

E como traça Euclides a resposta às ressoantes dúvidas de Augusto dos Anjos e às suas próprias futuras questões: no Brasil, ninguém lia, ninguém escrevia e ninguém pensava porque interessante não era às elites burguesas opressoras oferecer ao povo,

por meio de uma educação libertadora, as armas intelectuais que, por contramão, poderiam abalar a hegemonia que as subjugava na exploração de seu trabalho nos seringais e na condenação de sua fé em Canudos.

E o exemplo foi tomado pelo que sucederam os bacharéis da Rua do Ouvidor, repetindo-se até a modernidade o abandono proposital do Estado no massacre silencioso das minorias que o “novo” ciclo republicano insiste em tentar manter na penumbra da ignorância e do desconhecimento. Afinal, quem detém o conhecimento detém o poder, e deste, não se desgarram tão facilmente os loucos de Shakespeare, conduzindo seus cegos.

Infelizes tempos.

A EXPEDIÇÃO MOREIRA CÉSAR

Alex Vieitas
*Presidente do Grupo Euclidiano de Atividades
Culturais de Cantagalo \ RJ*

Ano 1830, nasce em Quixeramobim/ CE, Antônio Vicente Mendes Maciel que mais tarde ficaria conhecido por todo o Sertão Nordestino e no Brasil inteiro como Antônio Conselheiro, ao reunir em torno de si vários seguidores e por suas pregações por pequenos povoados do interior do sertão. Depois de peregrinar por vários Estados do Nordeste pregando e reformando igrejas e cemitérios, Antônio Conselheiro se estabelece junto com aproximadamente 600 seguidores em Canudos em 13 de junho de 1893 batizando o local de Belo Monte. Neste local, constrói em pouco tempo a segunda maior cidade do estado da Bahia, com uma população estimada de 25000 pessoas, número que alguns historiadores contestam.

Em 1896, começa a guerra de Canudos. O pretexto para o seu início foi insignificante. Antônio Conselheiro encomendou madeira em Juazeiro (BA) para a construção da igreja nova, o pagamento foi antecipado, mas a madeira não foi entregue no prazo estipulado. Espalhou-se o boato que os conselheiristas invadiriam a cidade. O juiz de Juazeiro, antigo desafeto do Conselheiro solicitou tropas policiais, sendo atendido pelo governador Luis Viana.

Com o comando do tenente Pires Ferreira parte de Salvador a 1ª Expedição Militar contra o arraial de Canudos. O destino era Juazeiro, mas ao chegar a cidade a tropa não encontra os conselheiristas e decide partir em direção e decide partir em direção a Canudos. Em Uauá, após uma desgastante marcha de 150 quilômetros os militares chegam a cidade exaustos, debilitados e com problemas de comando. O encontro foi inevitável, sendo os militares pegos de surpresa pela procissão de centenas de conselheiristas, que entoavam cânticos, tendo a frente uma grande cruz de madeira e a bandeira do Divino. Foram recebidos a bala pelos soldados. Foi o início da guerra propriamente dita. Depois de algumas horas de luta, era aparente a vitória das forças legais, com os canudenses se retirando do local. O que parecia vitória tornou-se uma fragosa derrota, pois a expedição não tinha forças nem coragem para atacar Canudos. Naquele mesmo dia, os oficiais saquearam e colocaram fogo Uauá e retornaram a Juazeiro.

No final de 1896, reúne-se em Monte Santo a 2ª Expedição sob o comando do Major Febrônio de Brito. A Expedição foi surpreendida por emboscadas quando atravessava a Serra do Cambaio e diante de diante de algumas baixas e sem condições de prosseguir foi obrigada a um recuo lento e penoso.

Naquele momento, a resistência dos fanáticos sertanejos já adquiria projeção nacional, pois a humilhação imposta ao exército e à República (recém instituída) já era demasiada. Tão freqüente era o histerismo gerado pelos acontecimentos, que o pensamento dominante acusava Canudos como sendo o foco de uma insurreição contra o novo regime republicano, que consistia numa tentativa internacional de reimplantar o sistema monárquico no Brasil – o que era considerado pela camada política dominante um retrocesso em termos administração pública do Estado. O novo regime já enfrentava o desafio da revolta Armada e da Revolução Federalista, porém, agora, enfrentava as mesmas ameaças acrescidas de um forte fundamentalismo religioso. Tal

revolta oriunda dos sertões, sem dúvida, poderia rapidamente se proliferar país a fora, nos arraiais monarquistas e, quem sabe, com o apoio do exterior? Isto tudo serviria para desestabilizar fortemente o novo sistema implantado.

Apenas um homem seria capaz de acabar com essa angustiante situação: o bravo veterano, coronel Moreira César, com seus 47 anos de idade, paulista de Pindamonhangaba, que chefiaria um contingente de 1300 homens, formando, assim, a terceira Expedição contra canudos.

A expedição era constituída do 7º batalhão de Infantaria (Major Raphael Augusto da Cunha Matos) do 9º Batalhão de Infantaria (Coronel Pedro Nunes Tamarindo) e do 16º Batalhão de Infantaria (Coronel Souza Menezes), além de um esquadrão do 9º Regimento de Cavalaria (Capitão Álvaro Pedreira Franco), de uma bateria do 2º Regimento de Artilharia (Capitão José Agostinho Salomão da Rocha) e de pequeno contingente da força policial estadual.

No sertão, a vitória dos jagunços sobre a coluna Febrônio eliminou qualquer dúvida a respeito dos poderes de Antônio Conselheiro, provocando um afluxo na direção de Canudos, constituído dos mais diversos tipos humanos, desde os pequenos criadores e vaqueiros crédulos até os sanguinários facínoras sertanejos. Alguns eram atraídos pelo misticismo, outros buscavam um abrigo seguro contra a lei.

“Lá vão dois cartões de visita do Conselheiro”, disse, ao se aproximar de Canudos, quando ordenou o disparo de dois tiros de um dos seus dois canhões Krupp. Durante sua marcha, o maior medo do coronel Moreira César era que os conselheiristas abandonassem a cidade, o que o privaria, naturalmente, de inevitável glória de derrota-los em combate. O precipitado otimismo do coronel e de seus subordinados aumentava, a medida que se

aproximavam da cidade: “Vamos tomar a cidade sem disparar mais um tiro, tomá-la-emos à baioneta!”

Num tempo onde não se tinha como conter tal doença, Moreira César contava com um adversário tão difícil de vencer quanto o Conselheiro: a Epilepsia, e, além disso, era dono de um temperamento instável e impulsivo. Acabou por sofrer de dois ataques epiléticos sérios durante sua campanha em Canudos.

Então, o excesso de confiança de Moreira César foi inversamente proporcional à sua previdência: ordenou que seus homens atacassem após longo dia de marcha penosa, sem descanso. Obrigou-os a avançar até dentro do arraial, onde, além de impossibilitar o apoio da artilharia (que atingiria seus próprios homens se utilizada), travou-se luta corpo a corpo contra os homens do Conselheiro, que levavam extrema vantagem por conhecerem os labirintos e as ruelas onde a batalha se travou. Moreira César ordenou um ataque de cavalaria em planície aberta, o que complicou ainda mais sua situação, posto que a mesma se tornara um alvo fácil para os homens do Conselheiro, que se encontravam entrincheirados num reduto cheio de barreiras.

Num gesto de agonia, Moreira César, talvez por receber que a derrota estava próxima, abandonou seu posto de comando, endireitou seu cavalo na direção de Canudos e avançou, proferindo: “Vou dar brio àquela gente!”. Tendo sido atingido no ventre por uma bala, vergou-se, largando as rédeas de seu cavalo, não mais conseguindo ir muito adiante.

Em seu leito, Moreira César, desconhecedor da extensão do desastre, insistia ainda em novo ataque, até sua morte, na madrugada seguinte.

Assumiu o comando, como mais antigo, o Coronel Pedro Nunes Tamarindo. Estava recebendo um encargo superior às suas forças.

Decidiu-se efetuar a retirada da coluna para Rosário, a fim de reorganizá-la para realizar outra investida. Os canudenses não se intimidavam e, sem parar, fustigavam os expedicionários que fugiam pelo espigão rumo ao casario. Dali, passando pelas vertentes opostas, ganhavam a estrada e dispersavam-se.

Os sertanejos recolheram e transportaram para Canudos os quatro canhões Krupp e grande carregamento de fuzis “Mannlichers” e “Comblains”, abandonados pela tropa atacante, que iriam substituir suas armas primitivas na continuidade da guerra que ainda teve uma 4ª Expedição Militar comandada pelo General Artur Oscar e dividida em duas colunas que após intensos combates e a presença do Ministro de Guerra mal. Bittencourt extermina o arraial a 5 de outubro de 1897.

Fonte de pesquisa:

Os Sertões de Euclides da Cunha

150 ANOS DE EUCLIDES DA CUNHA*

José Huguenin

Professor do ICEX-UFF, poeta e romancista

Quando aprendi as primeiras lições de geografia política sobre a constituição administrativa de minha terra natal, o município de Cantagalo – RJ, fiquei maravilhado ao aprender o nome do terceiro distrito, Santa Rita de Euclidelândia. Maravilhado por dois motivos. Primeiro, porque sendo do segundo distrito, a encantadora vila de Santa Rita da Floresta, achei curioso haver duas Santas Ritas. Neste dia soube que no feriado municipal de 22 de Maio Floresta dividia a importância com Euclidelândia. O segundo motivo era este nome sonoro, longo para uma criança soletrar. De acordo com os programas infantis da época eu sabia que devia ser a terra de alguém, pois ouvia muito falar na televisão sobre a Disneylândia, o mundo mágico de Walt Disney. Esse “Euclide” devia ser importante. Imagina, ter um nome de uma cidade e que não era parque de diversões, não. Era um lugar onde gente morava e tinha até três fábricas de cimento! Logo me falaram que ele havia escrito o livro *Os sertões*, que ele havia nascido em uma fazenda lá em Euclidelândia, que na época ainda não chamava Euclidelândia, pois esse nome era uma homenagem e, por isto, o distrito de Santa Rita do Rio Negro onde ele nasceu havia trocado de nome. As coisas começaram a fazer sentido. Descobri a razão do nome da melhor manteiga do mundo se chamar “Os sertões”. Na carroceria de uma kombi adaptada, vendendo verduras com o Tio João, passei em frente a Casa de Euclides da Cunha, ao lado do Colégio Maria Zulmira Torres, onde viria a estudar. Era um

museu onde estava o seu cérebro. Era mesmo importante esse escritor. E o menino, quando ia para algum lugar longe, fazia questão de dizer que era da terra de Euclides da Cunha. Mas o dia que este menino sentiu mais orgulho mesmo foi quando, já adolescente, no ensino médio, estudando literatura, viu no livro didático o ilustre cantagalense, como ícone e marco inicial de um movimento intitulado de “pré-modernismo”, justamente por não caber em nenhuma escola literária tradicional, por, junto com romances de Graça Aranha e Lima Barreto, representar uma virada no jeito de escrever e pensar o Brasil. Antecederam e influenciaram o modernismo. Para um adolescente sonhador, antever e influenciar o moderno era uma coisa muito grande. Quando se tem uma celebridade dessas, logo quer se saber de sua vida e, neste quesito, romancista nenhum(a) seria capaz de imaginar tamanha trama trágica deste brasileiro. Orfandade aos dois anos, mudanças, o fim trágico assassinado pelo amante de sua esposa. Também convivemos em Cantagalo com uma espécie de “desorgulho” frente a tragédia do conterrâneo. Tal fato se acentuou por ocasião de uma série televisiva que expunha ao país o cantagalense traído, como se isto diminuísse nossa terra. Não raro a menção a Euclides despertava um comentário de quase desprezo. Fico buscando na memória para ver se acho situações em que como papagaio repeti comentários depreciativos de colegas mais fortes e populares com a intenção de fazer parte da turma. Não me lembro, mas com certeza deve ter acontecido.

Aí veio a Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo – SP, que participei como estudante. Que orgulho saber que intelectuais do porte de Walnice Nogueira, Roberto Ventura, Oswaldo Galoti, Adelino Brandão e tantos outros, gente do estrangeiro que traduziu as palavras do conterrâneo para outras línguas. A maratona intelectual da Semana Euclidiana influenciou algumas gerações de estudantes cantagalenses, dando origem a um grupo que mantém viva a chama euclidianista na sua terra natal. Foi na

Semana Euclidiana que conheci mais da história de sua vida. A vida que viveu, e a vida no sertão que ele apresentou ao mundo. E não foi só o sertão não. Ele ajudou a dar contorno ao mapa do Brasil na expedição do alto Purus, no Acre. Ele, que invejou a letra do hino nacional peruano, insistiu com Coelho Neto que era preciso uma campanha para termos uma letra para o hino Nacional Brasileiro. Lá mesmo viu e denunciou “Contrastes e confrontos” que deixavam trabalhadores, muitos sertanejos fugidos do sertão em chamas, que sobreviviam da lida nos seringais, deixados “À margem da história”. Ó pátria amada, um filho teu não foge à luta.

Um jovem que entrou para escola militar onde bebeu da fonte do positivismo de Auguste Comte que, associada à formação científica, racional, e ao pensamento da época, amalgamou uma personalidade forte, de coragem, tanto que foi o único cadete que atirou o sabre aos pés do Ministro da Guerra em protesto pró-república, o que, ao fim, gerou sua saída do exército. Esta formação também o fez ter atitudes e pensamentos que sob a ótica de hoje certamente geram questionamentos. Há ainda quem lhe impinja a pecha de racista. Ele pode ter enveredado no uso de teorias antropológicas sectárias, o que estava em voga na época, ao tentar descrever o homem, mas sangrou sua consciência de cidadão a campanha nefasta de Canudos, reconheceu que antes de tudo o sertanejo era um forte, escreveu o livro vingador. Creio que não podemos condená-lo pelo fato do mundo ser o que era quando nasceu em 1866... E chego à razão destas linhas, nascidas em Agosto, mês de sua morte. Em 2016 comemoramos 150 anos do nascimento de Euclides da Cunha. Uma data que não passa em branco para um cantagalense orgulhoso por ter um conterrâneo imortal cuja obra o mundo reverencia.

* Artigo publicado no Jornal da Região em Agosto de 2016

EUCLIDES E CANTAGALO *

Erenita Pietrani

Ex-diretora da Casa de Euclides da Cunha

Cantagalo-RJ

Aos 21 dias do mês de novembro do ano de 1896, dirige-se a Canudos a primeira expedição militar composta de 120 a 150 soldados. Foram necessárias mais três expedições militares, sendo a última delas com 10 mil soldados para dizimar a cidade de Antônio Conselheiro e seus seguidores. No campo de batalha restaram um velho, dois homens e uma criança para serem mortos por 5 mil soldados. Os prisioneiros, pouco mais de 100, foram degolados.

À rebelião de Canudos – que foi um dos maiores massacres da história republicana brasileira – Euclides da Cunha assistiu “in loco” e reproduziu-a nas páginas memoráveis de “Os sertões”.

A princípio, desconhecendo as precárias condições em que viviam os conselheristas abandonados e esquecidos pela elite litorânea, o republicano Euclides confere à rebelião um cunho monarquista e fanático. No entanto, ao entrar em contato com os sertanejos, ao ouvir-lhes os depoimentos, Euclides passa a ter opiniões diferentes das que professava na capital. E, então, resgata do silêncio a história esquecida do povo do sertão.

Nossa missão, também, é resgatar a história de um ilustre cantagalense – Euclides da Cunha. Felizmente não foi esquecido, ao contrário, é reconhecido nacional e mundialmente. Porque somente a lisura daqueles que desejam manter a memória nacional viva pode contribuir com um pouco que seja para a História do Brasil.

Como Diretora da Casa de Euclides da Cunha, agradeço a oportunidade de escrever sobre esse filho de nossa terra, pela importância que ele tem para a literatura, para a história e para o povo cantagalense.

*Texto publicado no suplemento “Despertar” da SME em junho de 1997

Trovas

Trovas do I Jogos Florais de Cantagalo 1974

Não há livro em nossa história
que projete mais clarões
e ao Brasil dê tanta glória,
como este livro: Os Sertões
Amélia Tomás

Seu talento descritivo
nos Sertões, é de tal porte,
que Euclides sempre está vivo,
não coube dentro da morte!
Lafontaine Villela

A GLÓRIA DE EUCLIDES DA CUNHA *

Ruth Farah Nacif Lutterback

Cantagalo jubilosa
sente orgulho verdadeiro
por tê-la feito famosa
o livro mais brasileiro.

O seu filho tão brilhante
ultrapassou a fronteira
com tal obra relevante
do sertão, a pioneira.

Euclides em “Os sertões”
retratou nosso Brasil
vítima de imposições
de um governo rude, hostil

Escrevendo com traquejo
a covardia no norte
garantiu que “o sertanejo
é, antes de tudo, um forte”

A terra ...O homen ... A luta
A expedição militar
O assalto - final da luta
(relato de arrepiar)

Oficiais valorosos
com suas tropas tombaram,
combatentes revoltosos
heroicamente lutaram

Detalhados lance a lance
sofrimentos e vitória
por fim, Canudos sem chance
- a guerra tornou-se história.

De altíssima memória
Estilista desde então,
Surpreende: tem a glória
com o massacre do sertão.

* Trovas retiradas do livro "Um pingo de Os sertões"

EXALTAÇÃO À CANTAGALO *

Henny Kroph

Na história de Cantagalo
tem Mão de Luva imortal,
e o belo canto de um galo
onde nasceu o arraial

Num vale muito verdinho
localiza-se a cidade
que recebe com carinho
pessoas de toda a idade

Cantagalo de palmeiras
tem mármore, tem cimento
vales, serras, cachoeiras
que são um deslumbramento

O grande Euclides nasceu
nesta terra de barões,
vive e jamais pereceu
pois está nos corações.

Cantagalo tem a praça
Toda cheia de verdor
Que a todos com muita graça
Acolhe com muito amor

Cantagalo já possuía
Euclides nos corações
mais rica está hoje em dia
com o cérebro e “Os sertões”.

Euclides da Cunha amou
A sua terra natal
e aos filhos de lá deixou
“Os sertões”, obra imortal.

Foi Euclides sempre a glória
de sua terra natal,
seu nome vive na história
com sua obra imortal.

Euclides foi escritor
foi poeta, foi engenheiro
homem de muito valor
leal a seu companheiro.

De um cantagalense ser
Euclides nunca deixou,
para nos envaidecer
o cérebro hoje chegou.

* Retirado do livro “Chuva liral de trovas”

Poemas

PIEADADE! PIEADADE!*

Matheus Lucas de Arruda Câmara
Poeta, Assessor de Cultura da SMC- Cantagalo - RJ

Cheiro de sangue
Céu vermelho-chumbo
Retumbo, turbantes
Armas em punho.
Moral, traições
Sangue!
Meninas e meninos
Feridos e feridas
Que nunca se fecharam
Palmas.
Palmas sombrias
Venosas
Articuladas
Sangue!
Invadindo as narinas
Sangrando pelas narinas
de fel amarelo
Sangue... Vermelho
Armas, pernas e tiros

Balas que pairam no ar
E dançam como bailarinas
de ninar...
Escorrem.
Sangue daqui
Sangue de lá
E poças e mares e rios e mundos.
Um a andar.
O outro se levantar
Desmontadamente
Morre ou não morre.
Pegou, engatou,
Atirou! Pá!
Três homens feridos.
Uma mulher infiel
Quatro pessoas no mundo
Agora só três.
Crianças sem pai
Literatos sem mestre
Cadeira sem ocupante
Número 7.
Caminhada fúnebre...
Choros, imprensas, fotos
Mais choros

De Veríssimo, Barbosa
Peixoto...
Chorando em uníssono de tristeza.
República sem herói
“Os Sertões” sem sertanejos
Os seringais sem defensor
Somente tristeza e dor.
No júri, meses mais tarde:
Seu juiz tenha PIEDADE!
Eu não matei esse grande escritor.
Saninha coitadinha
Logo, logo se esquece
Daquele amor que morreu
Agora se casou.
Piedade! Piedade!
Se repetiu anos mais tarde.
Quindinho foi buscar
a honra do pai
Morreste também.
Triste. Triste fim.
Fim que não teve final.
Piedade! Piedade!
Saiu a sentença final.
Infelizmente morreu pai

E filho por amor
Tragédia. Piedade
Tenha piedade,
Nosso Senhor.

*Do livro "Euclides em verso e prosa - A tragédia da Piedade" -
2013

EUCLIDES

Sebastião Geraldo Ferreira
Poeta cantagalense

Eu me rendo Euclides
Palavras que ecoam
Versos que voam
Poesia sem grilhões.
Saiu de sua memória
Impactando a história
O seu livro os Sertões.
Este grande especialista
Engenheiro e jornalista
Que faz gente sonhar.
Fez do sertanejo um enredo
Sem medo, sem segredo
No seu modo de desabafar.
Correspondente de guerra.
Viu gente que bozerra
No confim da Bahia.
Numa luta sanguenta
Onde o poder ostenta
Homem que renhia.
Luta de canudo

Conflito olhudo
O escritor a escrever.
De um poeta e romancista
Uma obra notável nascia
Para o povo ler
Suas obras viraram canções
Atravessaram gerações
Seja artigo de jornal,
Seu trabalho reconhecido
Mesmo sendo falecido
Tornou-se imortal.
Por isso vou falar
Desse brasileiro
Saiu de Cantagalo cedo
Para ao mundo inteiro brilhar.

Cordel Euclidiano

Andrea Reis
Professora, Poeta, Escritora

Nasceu em 20 de janeiro
Em Cantagalo, pequena cidade
Euclides da Cunha, o gênio
De toda humanidade

Ainda pequenino
Deixou sua terra natal
Assim começava a sina
De uma vida sem igual

Perdeu a mãe aos três anos
Triste acontecimento
Que traçou seu caminho
Pelo vale do descontentamento

O pai levou o menino
Para as terras da Bahia
Depois retornaram ao Rio
Porque um sonho lhe sorria

A carreira militar
Por muitos almejada
Prepararia Euclides
Para uma vida organizada

Assim militar se fez
Mas com coração republicano
Viva a República gritou
E sua vida mudou de plano

Convidado a sair do exército
Foi o jovem sonhador
A República trouxe problemas
E também um grande amor.

Casou-se com Ana Emília
Amor da República e juventude
Uma mulher forte
E de muita atitude

No Exército tudo foi resolvido
E em Engenheiro se formou

Assim sustentava a família
E tudo que sempre amou

Às vezes longe de casa
Sempre pronto a construir
Mal sabia Euclides
Que sua vida estava a destruir

Dos filhos cuidou
Com zelo e esmero
E a todos sem distinção
Dedicou amor sincero

Na Bahia, uma guerra estourou
Era difícil de resolver
Euclides foi convidado
Para tudo ver e escrever

O povo sofrido
Seguia o conselheiro
Mas eram tratados como inimigos
Por um país inteiro

Diziam estar eles
Contra a República lutando
Mas apenas se defendiam
E iam definhando

Euclides, na Bahia
Chegou contra Canudos
Mas ao ver a realidade
Passou a entender tudo

E então o grande homem
E excelente escritor
Contou ao mundo o que viu
Através de seu livro vingador

Está guerra foi um engano
Cometido pelo Brasil
Massacre de inocentes
Assim nunca se viu

Euclides denunciou
Para que todo mundo soubesse
Qué quando nos dividimos
É assim que acontece

A Terra,o Homem,a Luta
Viajaram pelo mundo
Assim “Os sertões”
A todos falou bem fundo

Ainda pela Amazônia
Euclides viajou
E as fronteiras do Brasil
Ele delimitou

“Peru versus Bolívia” “ Às margens da história “
Também obras de Euclides
Que vivem em nossa memória

Mas ao chegar em casa
E sentir o coração traído
Euclides lavou a honra
E por um tiro foi atingido

E no Rio de Janeiro
Com 43,tão pouca idade
Morria Euclides da Cunha
Na tragédia da Piedade

Assim o gênio das letras
E também da ciência exata
Foi reprovado no amor
Uma ciência que mata
Salve, salve, Euclides
Grande exemplo nacional
Orgulho de Cantagalo
Sua terra natal.

Poemas
Festival de Poesia
Falada- Cantagalo
2018

RETALHOS DE “OS SERTÕES”

Dyrce Pinto Machado

Em Canudos um redator,
reunindo anotações,
Euclides foi o escritor
que deu ao mundo Os Sertões.

Num pequeno povoado,
Lá no sertão da Bahia.
Todo o povo era chamado,
toda gente obedecia.

E Antônio Conselheiro,
com sua cruz a rezar
se dizia o mensageiro
do céu, naquele lugar.

Em luta para destruir
A República da nação
e para o povo seguir
pregava a salvação.

Enfrentando batalhões,
com toda a sua braveza
Foices, facas e facões
usavam como defesa.

Só quando o sino tocava,
uma trégua se fazia.
Conselheiro comandava
repetiam Ave Maria.

E na última expedição,
Canudos foi sitiado.
Não houve nem salvação
Ninguém ali foi poupado.

Entregues a própria sorte
e firmes ali, não fugiram
Sentindo a própria morte,
em luta , assim caíram.

Crianças, moços, idosos,
numa luta tão desigual
dando firmes, corajosos,

o seu sangue ao arraial.

Abatidos com frieza
e tudo desapareceu...
Mas restou uma certeza,
Canudos não se rendeu.

O sertanejo tem a fé,
não blasfema sua sorte
Diz Euclides que ele é,
Antes de tudo um forte.

Guardado em sua memória
aquela luta de horror,
ao escrever a história
fez do livro um delator.

A história tão bem revela,
faz do sertão a gravura.
Canudos pintou a tela
Euclides pos a moldura.

O SERTÃO E O MAR

José Huguenin

O profeta sentencia
O sertão virará mar.
Canudos em chamas,
Sempre à margem da história,
No centro da pátria se transformará.
Gente de todo país para lá confluirá
Com armas na mão.
Professor, não.

O profeta sentencia
O sertão virará mar.
Titã,
Quixote,
Antes de tudo, um forte,
O sertanejo repele o invasor,
Protege a terra,
Degola o degolador.

O profeta sentencia
O sertão virará mar.
Vida a vazar
Pelo Vaza-barris.
A profecia se realizou...
Um mar de sangue
Inundou o sertão
E o povo morreu por amor.
Euclides da Cunha nos deu “Os sertões”,
O livro vingador,
Para dizer que o que se passou
Foi um crime vil.
Fechemos este livro!
... abramos este livro,
Leiamos este livro...
Conheçamos o Brasil!

LUTO POR CANUDOS

Jomar Coimbra Cardoso

Em cinco de outubro, vou rechaçar
Qualquer tipo de comemoração.
Não há motivos para festejar
Do Arraial de Canudos a extinção.

Euclides da Cunha, inconformado,
Denunciou a vergonha nacional.
No seu livro, “Os Sertões”, tão consagrado,
Narrou a atroz chacina no Arraial.

Soldados da República do Brasil,
Fadados de ferrões, faca e fuzil
Fizeram em Canudos destruição.

Hoje é preciso lamentar este dia,
Viés do luto desta poesia:
“A pusilânime infame da nação.”

O SERTANEJO É, ANTES DE TUDO, UM FORTE

Flávio Rubens Machado de Queiroz

os sertões vivo
nas palavras de Euclides da Cunha
resistindo na destruição do alto da favela
não se abateu a tiros
não se abateu na inundação

resiste Canudos
resiste Euclides
fonte de inspiração para avançar a nação
sobrevive ao ataque do exército pagão
resiste Canudos
resiste Euclides

não se entrega nas trincheiras do arraial
cada um que cuide de si
brada no levante da peleja
sob sol inclemente
queimando a alma combatente dessa gente dos
sertões

a mar virando sertão
o sertão virando mar
da torre da Igreja atacada
o beato saúda aos que morreram nessa batalha inglória

resiste Canudos
resiste Euclides
nas veredas dos sertões .

OS SERTÕES EM VERSOS SOLTOS

Tiago Rafael dos Santos Alves

De terras distantes,
os sóis constantes,
Há muito castigadas,
E em obras imortalizadas,
Surge no agreste,
Um cabra da peste.

Se conselheiro ou sertanejo,
Crescia o seu cortejo,
Da diária labuta,
Formou-se a luta,
E da política deturpada,
Surgia sua armada.

Cidade santa diziam,
Mas, soldados se abatiam,
Entre a cruz e a espada,
Veio a sua derrocada,
E o belo povoado,
Se viu acabado.

Ainda hoje, isso é lembrado,
O santo e o povoado,
Em todos os rincões,
Da bela obra, Os Sertões,
De sua ocular testemunha,
O Grande Euclides da Cunha.

Sertanejo - Cortejo - Lampejo
Distante - Constante
Preste - Reste - Agreste
Ato - Mato - Anonimato

CANUDOS NÃO SE RENDEU

Feliciane Lopes da Silva

No sertão baiano, em árida terra,
Onde a fé sertaneja se fez presente,
Vi a esperança de gente valente;
Marca do sertão que nas mãos se encerra.

Antônio Conselheiro, o líder religioso,
Fez prosperar o Arraial de Canudos,
E, nos seus acertos, o povo se fez excluído
Do poder republicano odioso.

A farda vil a Canudos venceu;
Ação covarde de mil batalhões.
O Arraial morreu, mas não se rendeu.

Nas páginas de sangue de “Os Sertões”
O escritor cantagalense teceu
A história de um povo sem grilhões.

CINCO DE OUTUBRO DE 1897

Maurício Matos Cunha

Antônio, profeta exorte,
Caiu com sua gente na morte.
Era esperança presente,
Daquele povo carente.

História dos zés-ninguém,
Todos agora no além,
Terminou horrivelmente,
Euclides², gravou cogente,

Crime legal de assoldade?
Todos correndo, morrendo...
Naquele dia padecendo...

Fuga... Clamor... Ansiedade...
Defendendo, impendendo.
Canudos, desfalecendo.

MANIFESTO

Ana Cristina Mendes Gomes

Este poema
é meu hálito,
a temperatura de meus pulsos
e o pulsar de meu colo.
Leia meu espírito
que nele passeia
e decora o brilho de meus olhares
Nesta paisagem altaneira.
Mas se espinhos cabem nesta miragem
de cactos e secas
tantas vezes desoladora,
e outras tantas e tantas que me enternecem,
eu evoco a nossa brasilidade,
as nossas raízes...
Não me conformo com a covardia de ambições
e, na lavra, desta lide literária, eu defendo
Os Sertões...
Nas letras, inebriado de minha inspiração pátria,
trago agora o meu poema sem espinhos,
porque transformado em um manifesto de carinhos,

este pretenso poema libertador,
em homenagem a Euclides da Cunha,
Nosso heroico e ilustre escritor ...

DECASSÍLABO DE CRIME IMPOSSÍVEL CONTRA EUCLIDES

Paulo Roberto de Oliveira Caruso

Mataram mestre Euclides! Ferro e fogo!
Na cunha da perfídia e do perjúrio!
Com fogo do cuspir do vil metal!
Mas, como (?), se ele já tinha morrido
por tiros dados n'alma e coração?
Traído ele já fora pela dona
(perdoe o trocadilho, por favor)
na alcova conjugal sagrada e nobre
antes do canto hercúleo e respeitoso
do galo para o sol de um novo dia!
Também ferido espiritualmente
já fora o literato nos sertões
da seca e letal cena de Canudos,
ao ver sangue de incautos ser sugado
não por algum morcego frio e escuro
nem por algum canudo da blasfêmia,

mas sim pelo rachado e infértil solo
após o mesmo fogo rasgar corpos
assim como as mãos rasgam alva folha
repleta de palavras maldizentes!
Quando o projétil podre da discórdia
deitou eternamente em berço esplêndido
Euclides no solo fluminense,
deitou não mais que o corpo fatigado...
deitou já não a vítima amargada
por tantos copulares de um casal
não benzido por Deus, mas por Satã...
Apenas o vazio contumaz
daquele que já fora um baluarte
de nossas ricas letras brasileiras,
porquanto os urubus já tinham posto
as garras e seus bicos tão famintos
no espírito, na alma, na virtude,
nos dias mais ditosos do escritor
e em tudo o que lhe fora mais sagrado!
Deitava em Cantagalo o vão vazio.

AH, SE EUCLIDES SOUBESSE...

Sílvia Regina Madi Pinheiro Alves

Ah, Euclides, se soubesse...
Os Sertões que minh'alma encerra!
O martírio secular ainda se faz.
Ora terra ignota, ora beleza pós tormenta.
Meu eu, ainda vive antíteses...

Ah, Euclides, se soubesse...
Nosso Brasil ainda vive Canudos,
Mas seu grito ecoou:
O sertanejo forte se espalhou e agora
Somos o povo forte, em toda parte, aqui e além!

Ah, Euclides, se soubesse...
Sua voz nos cala fundo,
Nos acorda e nos abraça,
E então o próprio mundo,
Vamos planear com toda raça.

Ah, Euclides, se soubesse...
Olhos brilham em nossos jovens,
Esperando poder tanto mudar.
O peito chora, a alma pede...
Vamos! É urgente, AMAR!

Coletivos
Euclidianos
de Cantagalo

GEAC – GRUPO EUCLIDIANO DE ATIVIDADES CULTURAIS

Por Alex Vieitas

O Grupo Euclidiano de Atividades Culturais (GEAC) foi fundado em Agosto de 1995 na cidade de Cantagalo-RJ por um grupo de jovens estudantes. A primeira reunião do grupo foi na casa do maratonista Alex Vieitas e contou com a participação de maratonistas euclidianos e da diretora da Casa Euclidiana na época Erenita Pietrani Almeida, com a intenção de discutir e propor ações para o desenvolvimento do Euclidianismo em Cantagalo. O objetivo do Grupo é divulgar a vida e a obra de Euclides da Cunha e divulgar a cidade de Cantagalo. O nome GEAC foi sugerido por Tadeu Azevedo e aprovado por todos. A professora Erenita traçou a primeira parceria entre o GEAC e a Casa de Euclides da Cunha, foi feita uma mesa redonda em Setembro de 1995 e contou com a participação de vários estudantes.

O GEAC participou de vários eventos culturais e euclidianos em Cantagalo-RJ; São José do Rio Pardo-SP; Canudos-BA; Euclides da Cunha - BA; Monte Santo-BA; Nova Friburgo-RJ; Niterói - RJ e Rio de Janeiro - RJ. Em setembro de 1997, Alex Vieitas, André Loivos Consídera e o Professor Gerson Tavares do Carmo participaram da Semana Cultural Os Sertões, nos municípios de Euclides da Cunha, Canudos e Monte Santo, na Bahia. Em 2002, Alex Vieitas retorna a região de Canudos em companhia de Rodrigo de Lucas Martins. O GEAC coordenou a seleção dos maratonistas para a Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo-SP nos anos 1997/98/99, neste período os alunos cantagalenses obtiveram os melhores resultados até hoje. O grupo cooperou na organização dos festejos pelo Centenário da Guerra

de Canudos em 1997, no Centenário de lançamento do livro “Os Sertões” em 2002 e no Projeto 100 anos sem Euclides, a partir de 2008.

Em 1997 é criado um jornalzinho “O EUCLIDÃO”, que circulou bimestralmente até 1999 e retornou em Janeiro de 2009 para a Abertura das Comemorações do Ano Nacional de Euclides da Cunha, ocorrido em Cantagalo. No mês de setembro de 2009, O EUCLIDÃO foi editado também na versão impressa, sendo distribuído gratuitamente na semana do Seminário Internacional 100 Anos sem Euclides.

Os integrantes do Grupo participaram ativamente do Seminário Internacional 100 anos sem Euclides, em Cantagalo e de várias ações do Projeto, sendo Alex Vieitas membro do Conselho Consultivo e Executivo do Projeto e Marcos Longo membro do Conselho Executivo.

O GEAC também participa ativamente da Semana Euclidiana no município paulista de São José do Rio Pardo.

Em janeiro de 2012, falece precocemente o diretor do Grupo, Rodrigo de Lucas Martins.

Em junho de 2012, Marcos Longo vai a Região de Canudos participando da Expedição Sertão, para conhecer a região da Guerra, fazer contatos e parcerias, divulgando Cantagalo e o Euclidianismo.

No mesmo ano, Matheus Muniz Guzzo e Marcelo Diniz são convidados a fazer parte da diretoria do Grupo.

JUVENTUDE EUCLIDIANA

Por Matheus Lucas Arruda Camara

Com o objetivo de prestar as devidas homenagens ao escritor Euclides da Cunha e reacender a chama euclidiana nos jovens de Cantagalo e do Brasil, nasceu a Juventude Euclidiana Cantagalense em 21 de junho de 2012, tendo como membros os jovens Amanda dos Reis Belo, Emmanuel Oliveira Ribeiro, Igor Ferreira dos Santos, Maria Laura Sourbeck Reis Barroso, Matheus Lucas de Arruda Camara e Matheus Muniz Guzzo. A juventude se propôs a participar de diversos eventos ligados a cultura e elaborar projetos no município de Cantagalo em parceria com escolas e instituições propagadoras do movimento euclidiano. Atraídos pela genialidade e história do ilustre escritor, os jovens passaram a estudar a fundo todo o legado deixado, desde cartas, livros e até ensaios. Acreditando-se, também, que a cultura é a melhor forma de propagar o conhecimento e formar jovens capazes e competentes, passaram a elaborar projetos audiovisuais, escritos e falados.

A juventude é, hoje, uma das principais vias de contato dos jovens com o movimento euclidiano. Com a premiação do documentário “Onde começa a história”, disponível no youtube, com a melhor apresentação audiovisual da semana euclidiana de 2012, lançamento do livro Euclides em verso e prosa: A tragédia da Piedade em 2013, esforços contínuos para que os alunos participem da semana euclidiana, principalmente pelos seus fundadores Matheus Lucas de Arruda Camara, Igor Ferreira e Maria Laura Sourbeck Reis Barroso, ficou conhecido pelos estudiosos do meio.

Cabe destacar que a Juventude viabilizou no ano de 2018 um importante projeto denominado “Euclides, o mestre e a escola”, em parceria com a rede pública de ensino cantagalense, visando capacitar professores para ensinar nas redes municipais a vida e obra de Euclides da Cunha. O projeto contou com a participação de professores do ciclo de estudos da semana euclidiana de São José do Rio Pardo, dentre outros profissionais habilitados e tem dado resultado.

Em síntese, o grupo se propõe a estudar, analisar sob outras perspectivas a história do escritor, dando força e continuidade ao Grêmio Euclides da Cunha fundado por amigos e admiradores próximos a Euclides visando, sempre, demonstrar a importância cultural e histórica do país digna de atenção e admiração por todos os brasileiros.



Academia Volta-redondense de Letras

www.avl.org.br

contato@avl.org.br